O CRÉDITO

JOSÉ DE ALENCAR

O CRÉDITO

COMÉDIA EM CINCO ATOS

PERSONAGENS

RODRIGO, engenheiro, 27 anos.
MACEDO, agiota, 45 anos.
PACRECO, capitalista, 59 anos.
HIPÓLITO, estudante, 23 anos.
OLIVEIRA, negociante, 26 anos.
BORGES, empregado público, 38 anos.
GUIMARÃES, moço desempregado, 30 anos.
JULIETA, filha de Pacheco, 18 anos.
CRISTINA, filha de Borges, 16 anos.
D. OLIMPLA, mulher de Borges, 32 anos.
D. ANTÔNIA, mulher de Pacheco, 40 anos.
Um Pardinho, escravo de Pacheco.
Um Moleque, escravo de Borges.
Uma Mulher e uma Menina cega.

A cena é no Rio de Janeiro e de atualidade.
O primeiro ato, o segundo, o terceiro e o quinto passam-se em casa de Pacheco. O quarto, em casa de Borges.

ATO PRIMEIRO

Entrada de uma casa em São Clemente. À esquerda, a fachada do edifício, com porta e escada de pedra sobre o pátio. À direita, uma gradil elegante e um belo portão. No fundo, um muro baixo e a chácara. No centro um alegrete com um cedro.

São cinco horas da tarde de um dia de setembro.

CENA PRIMEIRA

JULIETA, CRISTINA, *depois uma* VELHA e uma MENINA CEGA

(JULIETA *está na janela, quando aparecem no portão* CRISTINA e BORGES. BORGES *cumprimenta* JULIETA *e sai.)*

JULIETA *(na janela)* - Cristina!

CRISTINA *(correndo para a porta)* - Julieta!

(A porta abre-se, JULIETA *sai, as duas moças abraçam-se.)*

JULIETA - Adeus; ingrata!

CRISTINA - Um mês, *é* verdade! Tiveste saudades minhas?

JULIETA - Ainda perguntas?...

CRISTINA - E eu, não fazes idéia! Todos os dias pedia a mamãe para voltar. Não sei que encantos acha ela em S. Domingos!

JULIETA - É um belo lugar para tomar ares!

CRISTINA - Qual! Pois ainda acreditas nisto! Os médicos inventaram esse meio de se livrarem dos doentes que não sabem curar. Os melhores ares são os que se respiram perto daqueles que amamos.. Por isso eu aqui era São Clemente, junto de ti, estou sempre alegre e satisfeita.

JULIETA - Minha boa Cristina... Tu me queres então muito bem, tanto como eu te quero?

CRISTINA - Muito! Se tu fosses homem, palavra que me casava contigo. Que bonito maridinho havias de ser! *(Beija-a* na *lace.)*

JULIETA .- Eu tenho um ainda mais bonito para dar-te.

CRISTINA *(sorrindo)* - Quem? Hipólito?... Onde está ele? Saiu?

JULIETA - Sim, foi dar um passeio com o Sr. Rodrigo, não deve tardar...

CRISTINA - Rodrigo!... Não é um moço que chegou há pouco da Europa? Mamãe conhece-o.

JULIETA - É esse mesmo. Seu pai preferiu gastar o pouco que possuía em dar-lhe uma bela educação, e mandou-o estudar na Alemanha.

CRISTINA - Ele é pobre, então?

JULIETA - Pobre de dinheiro, mas rico de inteligência.

CRISTINA - Ora que vale essa riqueza? JULIETA - Mais do que pensas. Não é só o dinheiro que é riqueza, Cristina. A inteligência vale mais do que o ouro.

CRISTINA - Falas dele com um interesse!

JULIETA - Interesse muito natural; é um moço digno de estima, que tem um brilhante futuro.

CRISTINA - Há muito tempo que se dá em tua casa?

JULIETA - Há oito dias.

CRISTINA - E já o conheces tanto?

JULIETA - É amigo íntimo de Hipólito.

CRISTINA - Quem sabe se aí não anda volta de alguma paixãozinha?

JULIETA - Criança! Tu bem sabes que devo amar outra pessoa.

CRISTINA - Sei que vais casar com o Oliveira, mas às vezes sem querer o coração muda!

JULIETA - Está bom! Deixemos esta conversa; tu és muito maligna. Brincas com as coisas mais sérias.

CRISTINA - Sim! Desculpa-te comigo!

(Uma MULHER VELHA *e uma* MENINA CEGA *que têm saído da casa atravessam para o portão.)*

JULIETA (à MENINA) - Adeus! Minha mãe tomou a medida?

A VELHA - Sim, senhora...

JULIETA - Pois quando voltar achará o seu vestido pronto.

CRISTINA - Que é isto? Deste em costureira?... *(Rindo-se)*

JULIETA - É um passatempo... não tenho que fazer...

CRISTINA - Hão de reparar!...

JULIETA - Que importa! Mas com a alegria de te ver esqueci-me de perguntar por D. Olímpia!

CRISTINA - Mamãe? Não tarda... Saímos todos para fazer algumas visitas; porém eu estava ansiosa para ver-te e pedi a papai que me trouxesse até aqui; deixou-me no portão.

JULIETA - Eu vi-o; reparei que não entrasse.

CRISTINA - Já volta com mamãe! E D. Antônia, e o Sr. Pacheco, todos estão bons? Apesar de não terem passado um mês aborrecido a tomar banhos do mar! Ah! quem inventou as barcas. de S. Domingos não tinha juízo!

JULIETA - Pois olha, foi o mesmo que inventou os carros em que tanto gostas de passear!

CRISTINA - Neste caso eu lhe perdôo; e quero conhecê-lo. Dize-me, quem foi esse grande homem?

JULIETA - Não foi um homem, mas o que há de melhor no homem; foi o trabalho.

CRISTINA - Meu Deus! Deste agora em estudar estas coisas? Daqui a pouco és capaz de me falar em política!

JULIETA *(sorrindo)* - Perdoa, Cristina. Foi uma distração. Nós as mulheres não nascemos para esses estudos; mas Deus nos deu a inteligência do coração que compreende tudo que é nobre e grande.

Quando ouvimos um bonito pensamento, é como se ouvíssemos uma linda música; fica-nos de memória e às vezes repetimos sem querer.

CRISTINA - Tu ouviste isto!... Foi ele quem disse?

JULIETA - Ele, quem?

CRISTINA - O Sr. Rodrigo.

JULIETA - Cristina!

CRISTINA - Como adivinhei!

JULIETA - A culpa tenho eu de falar-te de coisas que não entendo, em vez de conversarmos de nós, de ti sobretudo. Vamos a saber, durante esse tempo este coraçãozinho mudou? Viu alguma coisa em S. Domingos que o fizesse palpitar?

CRISTINA - Nada! Eu o tinha deixado aqui!

JULIETA - A quem? A Hipólito...

CRISTINA - A ti!

JULIETA - A mim só?

CRISTINA - Só!

JULIETA - Não creio!

CRISTINA - Por quê?

JULIETA - Pois olha; como tu mo deixaste, eu o dei.

CRISTINA - E se eu tornar a tomá-lo?

JULIETA - Então não queres ser minha irmã?

CRISTINA - Sim, sim, maninha Julieta. É assim que te hei de chamar.

JULIETA - Travessa... Mas quando será isto?

CRISTINA - Mais cedo do que tu pensas.

JULIETA - Ah! parou um carro.

CRISTINA *(olhando)* - o Macedo, e teu noivo.

JULIETA - Não digas isto!

CRISTINA - Por quê? Não vai casar contigo?

JULIETA - Não quero que saibam.

CENA II

As mesmas, OLIVEIRA *e* MACEDO

MACEDO - Muito boa tarde, minhas senhoras.

OLIVEIRA (a JULIETA) - Adeus, como passou?... D. Cristina!

CRISTINA (a MACEDO) - Mamãe está muito zangada com o senhor.

MACEDO - Por que razão?

CRISTINA - Pois durante um mês não achou um momento para ir vê-la em S. Domingos?

JULIETA - Vem ainda hoje para falar de negócios com o meu pai?

OLIVEIRA - Não; venho de propósito para compensar a minha tarde de ontem, apenas tenho algumas palavras que dizer ao Sr. Pacheco sobre um objeto...

MACEDO - Importante! bastante importante!...

JULIETA - Sempre um negócio importante, grave, que exige uma decisão imediata! Não fazes idéia, Cristina, os homens agora já não têm um momento livre para conversar conosco. O seu tempo está de tal maneira absorvido pelos negócios, que às vezes nem se lembram que existimos.

CRISTINA - Por isso nós fazemos o mesmo com os vestidos e os chapéus; as modas são os nossos negócios.

OLIVEIRA - Justamente!

JULIETA - Mas nós, quando nos ocupamos em escolher o que é elegante e bonito, é para parecermos bem a seus olhos; enquanto que eles só pensam nos seus cálculos e nas suas contas.

OLIVEIRA - Com que fim?

MACEDO - Sim, o fim, eis a questão, os meios nada valem.

CRISTINA - E qual é esse fim?...

JULIETA - Enriquecer!

OLIVEIRA - Enriquecer é verdade; enriquecer para poder um dia deitar aos pés daquela que amamos uma fortuna colossal, para satisfazer todos os seus desejos e caprichos, para dar-lhe enfim a soberania do dinheiro, já que não podemos elevar-lhe um trono.

CRISTINA - Sim senhor, é bonito!

JULIETA - Mas que necessidade tem o homem de fazer esses sacrifícios quando não é pobre e possui bastante para tornar a vida doce e tranqüila?...

OLIVEIRA - Não há necessidade, há um prazer, um orgulho que sentimos em que a mulher da nossa escolha nos deva tudo!

JULIETA - Assim é por nós mesmas que nos esquecem?

OLIVEIRA - Que as esquecemos? Quando a todo o momento, se calculamos uma operação, se planejamos uma empresa considerável, se fazemos uma grande especulação, é sempre com a idéia naquela que nos inspira e anima? Não tem razão!

JULIETA - E não entra nisso um pouco de vaidade e ambição?
OLIVEIRA - A vaidade de merecer e a ambição de possuir o objeto de nosso amor.

JULIETA - Não sei; mas parece-me que não é possível existir amor. rio meio de algarismos e cálculos.

MACEDO - E eis onde está todo o seu erro, D. Julieta. O amor não é compatível com as operações mercantis, mas pode ser um elemento delas.

CRISTINA - Bravo! Esta é nova!...

JULIETA - O Sr. Macedo naturalmente alude a esses casamentos que vemos todos os dias, e em que o marido ou a mulher fazem o que chamam um bom negócio, vendendo o seu coração.

(HIPÓLITO *entra pelo portão;* CRISTINA *dirige-se a ele;* OLIVEIRA *aperta-lhe a mão enquanto* MACEDO *fala.)*

CENA III

Os mesmos e HIPÓLITO

MACEDO - Perdão, minha senhora, o casamento é o casamento, e o amor é o amor; duas coisas bem distintas, que podem existir e existem, uma sem a outra. A indústria do casamento é muito velha. Serve para arranjar algum caixeiro desempregado, algum advogado sem clientes, algum médico sem clínica, ou...

HIPÓLITO - Ou algum negociante falido. *(Aperta a mão de* CRISTINA.)

MACEDO - Oh! Sr. Hipólito! Desculpe, não o tinha visto!

HIPÓLITO - Continue. Expunha naturalmente o plano de alguma empresa gigantesca para a exploração da indústria dos casamentos!

JULIETA - Coisa melhor! Teu amigo?

HIPÓLITO - Ficou na calçada conversando com meu pai. *(Voltando-se)* Então, Sr. Macedo?

MACEDO - Estas senhoras admiraram-se de ouvir-me dizer que o amor ainda se há de tornar um dos mais fortes auxiliares do comércio, e um dos meios de fazer fortuna rapidamente. Mas atenda bem, quando eu falo de amor, refiro-me ao verdadeiro amor, à paixão!

HIPÓLITO - Explique-me isto, por obséquio, até aqui o amor tem entrado em meu orçamento como uma verba de despesa, e bem considerável!

MACEDO - Falta de experiência! Está destinado a tornar-se uma verdadeira fonte de receita.

HIPÓLITO - Vamos à explicação: estou impaciente! O amor moeda corrente! É admirável!

MACEDO - O senhor não ignora que a base do comércio hoje é a confiança: todas as operações repousam unicamente sobre esse princípio.

HIPÓLITO - Confesso que estava enganado, Sr. Macedo. Em tempo de tantos velhacos, julgava que a base do comércio devia ser a desconfiança!

MACEDO - Uma supõe a outra.

HIPÓLITO - Mas isto ainda não me diz como o amor...

MACEDO - De todas as confianças a mais cega, a mais forte, é o amor, o amor que resiste a tudo, ao dever, à honra, e ao próprio dinheiro. No dia em que um homem hábil se propuser a explorar essa confiança ilimitada, poderá dispor de uma massa de capital enorme!

HIPÓLITO - Mas de que maneira?

MACEDO - O segredo é a alma do negócio!

HIPÓLITO - Desculpe, fui indiscreto. Pretende então pôr em prática a sua idéia?

MACEDO *(sorrindo)* - Talvez!

HIPÓLITO - O que lhe peço é que me reserve algumas ações. *(Alto)* Uma empresa para a exploração do amor! *(Ri-se.)*

CRISTINA - Ora, Sr. Macedo!... *(Ri-se.)*

MACEDO - Riem-se? (RODRIGO *entra.)*

JULIETA - Decerto, quem pode tomar a sério semelhante coisa?

MACEDO - É pena que a senhora não entenda de negócios.

JULIETA - Ao contrário, julgo uma felicidade.

MACEDO - Digo que é pena porque então me compreenderia. Toda a dificuldade está em substituir o amor à hipoteca nas operações de endosso e desconto de letras mercantis.

CENA IV

Os mesmos e RODRIGO

HIPÓLITO - Tu entendes isto, Rodrigo?

RODRIGO - Perfeitamente, meu amigo. O Sr. Macedo quer dizer que em vez de um homem dirigir-se a um usurário, ou a um capitalista e hipotecar-lhe um prédio, usará da influência que tem sobre a sua namorada, filha ou mulher desse usurário e conseguirá sem o menor sacrifício a firma necessária para o desconto do título.

HIPÓLITO - A lembrança é engenhosa.

RODRIGO - Quando se trata de fazer valer todos os bens do homem, não era justo que se esquecesse o coração, o espírito, a elegância, as boas maneiras, e mesmo os bonitos olhos. Até agora a sociedade tinha reservado isso para sua distração, mas o gênio da especulação entende que esses valores reais não devem ficar improdutivos, e trata de levá-los ao mercado; não tarda que eles sejam cotados na praça, como a ação de uma companhia, o ordenado de um empregado público, ou a promessa de um agiota. Então, um moço capaz de se fazer amar pelas senhoras ricas, valerá, em matéria de crédito, o mesmo que um negociante honesto e um industrial ativo; porque terá uma conta corrente aberta sobre a burra dos maridos, ou dos pais de suas namoradas. Eis qual é a idéia do Sr. Macedo, idéia sublime, digna de um homem empreendedor. *(Voltando-se)* Creio que expliquei o seu pensamento...

MACEDO - Melhor do que eu mesmo. Gostei de ouvi-lo. *(Voltando-se.)*

OLIVEIRA *(baixo e rapidamente)* - Que imprudência!

MACEDO *(idem)* - Não percebem!

OLIVEIRA *(idem)* - Embora!

(Entra D. OLÍMPIA. BORGES *fica no portão conversando com* PACHECO.)

CENA V

Os mesmos e D. OLÍMPIA

OLÍMPIA - Como está, Julieta?... E mamãe?

JULIETA - Vou chamá-la.

OLÍMPIA - Não precisa. Ela está boa?... Temos muitas modas novas e bonitas... já sei.

MACEDO *(aproximando-se)* - Divertiu-se em S. Domingos, D. Olímpia? *(Aperta-lhe a mão.)*

OLÍMPIA - Não, fugi mesmo dos divertimentos; estava tão fatigada dos bailes e teatros, que precisava restabelecer a minha saúde!...

MACEDO - Fez muito bem. Um mês de repouso é muito necessário a sua saúde... e até mesmo à... economia!

JULIETA - Então não se gasta fora de sua casa?

MACEDO - Gasta-se, mas poupam-se certas coisas; por exemplo, os vestidos novos para os grandes bailes, os camarotes nos dias de gala! Quando uma senhora está na cidade a sua ausência é reparada, mas quando ela toma ares em Petrópolis ou na Serra, sente-se que não apareça nos salões, mas ninguém se lembra que lhe falta uma toalete deslumbrante!

OLÍMPIA *(com desdém)* - Foi talvez por essa razão que eu estive fora da cidade...

MACEDO - Não disse isto!

OLÍMPIA - Mas deu a entender.

MACEDO - Não tive semelhante intenção, D. Olímpia, nem era possível. A senhora sabe que é sempre admirada pela sua graça, pelo seu bom gosto, pela sua elegância; por isso de vez em quando desaparece para se fazer desejada. Eis a razão...

OLÍMPIA - Obrigada, mas aqueles que sentiam a minha falta, podiam ver-me com o pequeno sacrifício de algumas horas.

MACEDO - Se refere-se a mim, é injusta; não era o desejo que me faltava, mas o tempo. O tempo é dinheiro!

OLÍMPIA - Há sempre tempo para ver aqueles que se estima.

MACEDO - É o que a senhora pensa!

OLÍMPIA - Pois agora estou em S. Clemente; lembre-se mais dos amigos. *(Volta-se para* JULIETA) Aquele moço que conversa com o Hipólito não é o Rodrigo?

JULIETA - É.

OLÍMPIA - Não me cumprimentou.

JULIETA - A senhora conhece-o?

OLÍMPIA - Estive com ele em um baile.

(Entra D. ANTÔNIA *que desce da casa; fala com* RODRIGO, OLIVEIRA *e* MACEDO *que a cumprimentam.)*

CENA VI

Os mesmos e D. ANTÔNIA

JULIETA - *Ah! Aí* está, minha mãe!

OLÍMPIA *(voltando-se)* - D. Antônia... adeus...

(Sobem ambas a cena para encontrar-se com D. ANTÔNIA; é *o tempo que* OLIVEIRA *toma o braço de* MACEDO *e descem.)*

OLIVEIRA - Não acha o Pacheco tão frio?

MACEDO - Não; por que diz isto?

OLIVEIRA - Ainda não veio falar conosco, deixou-se ficar no portão!

MACEDO - Ele é seco; porém no fundo é homem de palavra. Demais nós temos a garantia principal.

OLIVEIRA - Qual?

MACEDO - O amor da pequena. Não está seguro?

OLIVEIRA - Não sei; parece-me despeitada quando conversa comigo.

MACEDO - Arrufos de namorados; está queixosa porque ontem não lhe falou. Mostre-se apaixonado, e deixe o mais por minha conta.

OLIVEIRA - Sim; mas Julieta é bonita, espirituosa, e eu tenho medo de apaixonar-me realmente.

MACEDO - Que mal lhe vinha daí; um casamento vantajoso por todos os lados: formosura e dinheiro. Duzentos contos de dote, e o dobro em operações.

OLIVEIRA - É um belo casamento, mas sabem as minhas idéias a este respeito. Quero ser rico e livre, para poder gozar só da minha fortuna; para poder amar as mulheres que desejar e esquecê-las no dia seguinte, sem que ninguém me venha lembrar que sou um marido, isto é, o ente mais escravo que existe sobre a terra. Olhe o Borges; tem um bom emprego, podia viver tranqüilo... mas a mulher sacrifica-o com o seu luxo.

MACEDO - É verdade; o pobre homem está crivado de dívidas, e: não faz senão queixar-se da exigüidade dos ordenados, sem lembrar-se da monstruosidade das despesas.

OLIVEIRA - O senhor deve saber disto, e bem. *(Sorrindo.)*

MACEDO - Por quê?

OLIVEIRA - Segundo dizem as más línguas, carrega com uma grande parte dessas despesas.

MACEDO - Não há tal!

OLIVEIRA - Ora! O senhor passa como amante de D. Olímpia!

MACEDO *(rindo)* - É uma calúnia!

D. ANTÔNIA - Hipólito, meu filho, manda vir cadeiras para os senhores se sentarem. Se não preferem entrar...

OLIVEIRA - Estamos tão bem aqui!

D. ANTÔNIA - Como quiserem!

OLÍMPIA - Então, Julieta, ainda não me deu notícias do que houve pela corte nestes dois meses que estive ausente. Muitos bailes, muitos divertimentos.

JULIETA - Como de costume.

D. ANTÓNIA - Não foi a nenhum, apesar dos pedidos do pai que deseja levá-la sempre: preferiu fazer-me companhia.

(O PARDINHO, *escravo de* PACHECO, *traz cadeiras.)*

OLÍMPIA - Deveras?

D. ANTÔNIA - O Sr. Pacheco zanga-se com razão! Vêm da modista as coisas mais lindas e ficam perdidas inutilmente, sem que use delas uma só vez!

OLÍMPIA - Assim não me sabe contar!... Pois vim ansiosa por saber...

JULIETA - Aqui está quem pode dizer-lhe... (MACEDO *e* OLIVEIRA *vão ao portão.)*

CENA VII

JULIETA, RODRIGO, OLÍMPIA *e* D. ANTÔNIA

OLÍMPIA - Quem?

JULIETA *(chamando)* - Sr. Rodrigo!

RODRIGO - D. Julieta?

JULIETA *(apresentando)* - D. Olímpia, senhora do Sr. Borges. *(Cumprimentam-se.)* O senhor que foi aos últimos bailes, diga-nos se estiveram muito brilhantes.

OLÍMPIA - Quais foram as toaletes mais ricas?

RODRIGO - As mais ricas que eu vi, minha senhora, eram as que traziam as mulheres mais feias.

D. ANTÔNIA - É sempre assim.

RODRIGO - Em uma senhora elegante a graça e a beleza excitam tanto a nossa admiração que às vezes nem reparamos a cor e a fazenda que trajam: ninguém deixa de contemplar as maravilhas que Deus criou, para examinar os trabalhos de agulha e tesoura com que as modistas caricaturam a natureza.

JULIETA - Ah! Se elas ouvissem! São aquelas que não têm que mostrar ou que não estimam bastante a sua pessoa, as que arrastam pelo salão a cauda de seu vestido, desvanecidas e orgulhosas pelos olhares que as acompanham, não para vê-las, mas para avaliarem os seus brilhantes, e orçarem o preço da toalete, como se faz em uma tabuleta de ourives, ou no balcão de uma loja. Dessas, algumas são ricas, e estou convencida que não sabem quantos dias de misérias se poderiam aliviar com o custo de três horas de prazer. Outras, porém, não se lembram que nesse pano de veludo ou de seda rojam pelo tapete a humilhação de um pai ou de um marido, que sacrificou a sua honra, para satisfazer esse capricho, consumindo na vaidade de uma noite, o ordenado de um mês e o sustento de sua família. (D. OLÍMPIA *esconde lágrimas a furto.)*

D. ANTÔNIA - Tem muita razão. (RODRIGO *afasta-se*.)

JULIETA - Que é, D. Olímpia?

OLÍMPIA - Nada; uma dor de cabeça!

JULIETA - Talvez o vento lhe faça mal.

OLÍMPIA - Não; isto passa.

D. ANTÔNIA - Venha para dentro.

CRISTINA (correndo para JULIETA) - Tu sabes, Hipólito está zangado comigo!

JULIETA - Por quê?

CRISTINA - Porque demorei-me em S. Domingos, como se a culpa fosse minha!

JULIETA - Não sabe que tua mãe não queria voltar.

CRISTINA - Já lhe disse tudo, começou a zombar. (HIPÓLITO chega.)

JULIETA (dirigindo-se a HIPÓLITO) - Tu estás zangado com Cristina?

HIPÓLITO - Não.

JULIETA - Mas ela queixa-se.

CRISTINA - Nega? Não me disse...

HIPÔLITO - Disse-lhe que tendo ido passar dois meses em São Domingos, eu fiquei avulso e por conseguinte tratei de fazer a corte a outra moça; porque isto é sabido, um estudante de medicina não pode estar sem duas coisas: um cavalo e uma namorada.

CRISTINA - Um cavalo e uma namorada. Tu ouves, Julieta?

HIPÓLITO - Perdão, queria dizer uma namorada e um cavalo. São idéias correlativas.

JULIETA - Está brincando!

CRISTINA - E verdade o que ele diz: outra que merece mais... (HIPÓLITO afasta-se.)

JULIETA - Não creias. Espera! Hipólito, vem cá!

HIPÓLITO - Que queres?

JULIETA - Aperta a mão de Cristina.

HIPÓLITO - Tu fazes gosto nisto?

JULIETA - Muito.

HIPÓLITO - Bem; é por tua causa. (Estende a mão.)

CRISTINA (apertando) - Eu não devia aceitar; depois do que me disse.

HIPÓLITO - É como quiser. Eu aceito a paz, porém não a ofereço: a guerra é o meu elemento.

JULIETA - Está bom; não vão ficar mal outra vez.

CENA VIII

Os mesmos e GUIMARÃES

PACHECO (no portão) - Hipólito!

HIPÓLITO - Meu pai? (Volta-se.)

PACHECO - Está aqui um senhor que te procura!

JULIETA - Vai recebê-lo!

GUIMARÃES (entrando) - Hipólito, meu amigo! (Cumprimenta as senhoras.)

HIPÓLITO - Boa tarde, Sr. Guimarães!

GUIMARÃES - Passando por aqui, não pude deixar de entrar para ter o prazer de ver-te, e mesmo porque desejava que me apresentasses à tua família.

HIPÓLITO - Agradeço-lhe muito.

GUIMARÃES - Que bela casa tem teu pai! Uma chácara excelente! Que dias agradáveis se devem passar debaixo destas árvores! Hei de vir um domingo jantar contigo.

HIPÓLITO - É uma honra que o senhor me faz!

GUIMARÃES - O senhor?... Já te disse, meu amigo, que a amizade não conhece os tratamentos inventados pela sociedade.

HIPÓLITO - É justamente por isso que reservo a familiaridade para meus amigos íntimos.

GUIMARÃES - Onde está tua mãe? Desejo muito conhecê-la. (Tomando-lhe o braço) Vem apresentar-me. (Caminham até D. ANTÔNIA.)

CRISTINA - Conheces?

JULIETA - Não; nunca o vi.

CRISTINA - É amigo de Hipólito.

JULIETA - Mas Hipólito parece não gostar dele.

CRISTINA - É verdade: tratou-o com tanta frieza! (HIPÓLITO volta. GUIMARÃES conversa com D. ANTÔNIA.)

JULIETA - Quem é?

HIPÓLITO - A minha sombra! É um sujeito que assentou ser meu amigo à força, encontro-o em toda a parte; se janto em um hotel, vem sentar-se à minha mesa; se passeio, agarra-se ao meu braço; se vou ao teatro, daí a pouco vejo-o a meu lado; só aqui estava livre dele. Entra-me agora pela porta a dentro, toma-me o braço, e apresenta-se ele mesmo à minha mãe sob o pretexto da amizade sincera que me tributa.

JULIETA - Ele simpatizou contigo.

HIPÓLITO - Não é uma razão para impor-me a sua amizade!

JULIETA - Devemos ter sempre alguma condescendência para aqueles que procuram a nossa amizade.

GUIMARÃES (a HIPÓLITO) - Tua mãe é uma bela senhora! Maneiras tão agradáveis!

CENA IX

Os mesmos, PACHECO, BORGES, MACEDO e OLIVEIRA

(BORGES, PACHECO, OLIVEIRA *e* MACEDO *adiantam-se como continuando uma conversa.* CRISTINA, JULIETA *e* HIPÓLITO *estão junto do sofá de pedra.* D. ANTÔNIA *e* D. OLÍMPIA, *do lado oposto, sentadas.)*

MACEDO - Não se pode negar, com efeito, que esta cidade cresce todos os dias consideravelmente.

PACHECO - Nada mais natural; é da essência das coisas nascer, crescer e morrer.

HIPÓLITO - Felizmente ainda estamos na conjugação do segundo verbo.

MACEDO - O que porém não é natural, Pacheco, é esse desenvolvimento espantoso que se opera, e que é devido unicamente a uma coisa que se tem querido combater - a especulação.

OLIVEIRA - É verdade!

PACHECO - Não creio que seja essa a causa. A especulação, isto é, a ambição de ganhar dinheiro, sem atender aos meios, existiu em todos às tempos, a diferença é que outrora ia-se à casa de jogo, e agora vai-se à Praça.

BORGES - Esteve hoje na Câmara, Sr. Macedo?

MACEDO - Não tive tempo, os meus negócios...

BORGES - Disseram-me que talvez fosse apresentado um projeto de aumento do ordenado dos empregados públicos. o crédito não é outra coisa senão a goma-elástica do dinheiro, é o

MACEDO (para OLIVEIRA) - Ei-lo com a mania!

OLIVEIRA - Não se tratou de semelhante coisa, Sr. Borges!

BORGES - Ah! esteve lá? De que se tratou então?

OLIVEIRA - Questão de crédito... Toda a sessão... Falou o...

PACHECO (interrompendo) - Outra coisa que eu não entendo. Atualmente não se fala senão em crédito, senadores, deputados, negociantes... Até as senhoras mesmo já discutem! Entretanto, eu tenho cinqüenta e nove anos, feitos o mês passado; conheci o côvado e a vara ainda menino, na Rua da Alfândega, então Rua dos Ferradores, e confesso sinceramente que não sei o que quer dizer esta história de crédito.

CRISTINA - Como, Sr. Pacheco! Não é possível!

PACHECO - É o que eu digo; até as meninas já estão com a mania!

CRISTINA - Mas se é uma coisa tão fácil!

OLIVEIRA - Não é tanto assim, D. Cristina.

CRISTINA - Ora! O crédito é o meio da gente comprar dois vestidos pelo preço de um. Não é, papai?

BORGES - Acho melhor que não fales do que não entendes.

MACEDO (a OLIVEIRA) - O negócio complica-se.

PACHECO - Mas diga-me: como se faz esse milagre?

CRISTINA - Desta maneira. (Chegando-se) Suponha que o senhor compra hoje um vestido em casa do Wallerstein; ele manda-lhe a conta daqui a seis meses, o senhor paga; mas compra outro no dia seguinte.

PACHECO - Que só pago daí a seis meses.

CRISTINA - Decerto!

OLÍMPIA - Cristina!

PACHECO - E se por acaso liquida-se a loja?

MACEDO - É um pequeno contratempo!

OLIVEIRA - Recorre-se a outros meios.

PACHECO - Percebo!...

HIPÓLITO - Qual meu pai; isto é o crédito das senhoras em relação aos vestidos; crédito que, entre parênteses, está muito depreciado depois da invenção dos balões. O verdadeiro crédito...

PACHECO - Melhor! Agora temos um estudante de medicina metendo-se em negócios.

HIPÓLITO - E que pensa V.M.cê? A medicina tem a sua relação com a economia política. Não há nada mais semelhante do que uma receita e uma letra de câmbio. Uma receita é uma letra de câmbio que o médico saca contra o doente, uma letra de câmbio é uma receita que o negociante pede a um capitalista para curar certa moléstia que se chama quebra!

PACHECO - Não há dúvida, estás um grande economista!

HIPÓLITO - Quanto ao crédito é uma invenção que seguiu de perto a descoberta do caucho, e isto por uma razão muito simples: meio de fazer com que uma nota de cinco mil-réis valha dez!

CRISTINA - É o mesmo que eu disse.

BORGES - Minha filha!...

MACEDO - Teu filho está brincando, meu amigo, o crédito é uma das mais belas descobertas da indústria moderna.

PACHECO - Não compreendo semelhante coisa! Nunca pedi em prestado o dinheiro de alguém, sem ter a certeza de poder pagar-lhe! Porque a minha probidade não me permite arriscar a fortuna alheia!

RODRIGO - Tem razão, Sr. Pacheco. Esses meios de obter a fortuna de outrem para sacrificá-la em empresas loucas, não se chama crédito, tem outro nome: é um jogo, um abuso de confiança que a moral condena e que todo o homem honesto reprova!

PACHECO - Bem...

RODRIGO - A missão do crédito é outra: é nivelar os homens pelo trabalho e dar à atividade os meios de criar e produzir. Outrora, para adquirir-se uma fortuna, era preciso consumir toda a existência em privações, juntar-se real a real. A riqueza era o privilégio de poucos; uma herança que o filho recebia de seu pai. A inteligência estava então condenada à pobreza, ganhava apenas o mesquinho salário de seu serviço material, ou vendia-se aos ricos que a exploravam em seu proveito. Um dia, porém, um homem de dinheiro compreendeu que o trabalho e a probidade eram melhor garantia do que a fortuna que o acaso pode destruir em um momento. Esse homem chamou os amigos pobres, mas honestos e empreendedores, e confiou-lhes os seus capitais para que eles realizassem as suas idéias. O crédito estava criado. Outros seguiram o exemplo; associaram-se e formaram um banco. Essa pequena instituição, escondida no fundo da loja de um judeu desenvolveu-se, dominou as grandes praças comerciais, e hoje circula o globo. Eis o que é o crédito, meus senhores; uma palavra o define: é a *regeneração do dinheiro.* O orgulho dos ricos tinha inventado a soberania da riqueza, soberania bastarda e ridícula, o crédito destronizou essa soberania:

do ouro que era senhor, fez um escravo, e mandou-lhe que servisse à inteligência, a verdadeira rainha do mundo!

JULIETA (a HIPÓLITO) - Como ele fala bem! Que bonitas idéias!

PACHECO - Ainda não cedo. Havemos de discutir esta questão com mais vagar. *(Tomando o braço de* RODRIGO) Vamos para a sala. *(Saem os dois. Todos os acompanham,* â *exceção de* D. OLÍMPIA.)

CENA X

OLÍMPIA, BORGES *e* D. ANTÔNIA, *na janela*

OLÍMPIA *(chamando)* - Borges!... Escuta.

BORGES *(chegando-se)* - Que queres?

OLÍMPIA - Não te esqueças de convidar este moço para o nosso jantar.

BORGES - Mas, Olímpia, já te disse...

OLÍMPIA - Não admito razões. Bem vês que não é possível deixarmos de dar um jantar aos nossos amigos para participar-lhes que chegamos, e que continuamos a receber um dia por semana.

BORGES - Bem sabes o nosso estado...

OLÍMPIA - O que sei é que por causa das suas economias, passei um mês em S. Domingos.

BORGES - Mas lembra-te que antes tínhamos gasto extraordinariamente. Não temos com que pagar as nossas dívidas. As contas...

(OLÍMPIA entra na casa; BORGES *fica só, depois acompanha-a lentamente. Cai o pano.)*

ATO SEGUNDO

Mesma decoração com a diferença que é noite; a lua aparece no fundo sobre o arvoredo, as janelas e a porta da casa estão iluminadas interiormente.

CENA PRIMEIRA

MACEDO *e* OLIVEIRA

(Ao levantar o pano OLIVEIRA *sai da casa e encontra-se com* MACEDO *que passeia fumando.)*

MACEDO - Então, falou ao Pacheco?

OLIVEIRA - Falei; porém nada obtive.

MACEDO - Não cedeu?

OLIVEIRA - Qual!

MACEDO - É teimoso.

OLIVEIRA - É uma pedra.

MACEDO - Que razões deu ele?

OLIVEIRA - As mesmas de ontem. Disse-me que no momento em que me casar com Julieta, entrega-me o dote que lhe destina, duzentos contos de réis, porém antes nem um vintém.

MACEDO - Devia explicar-lhe que não pede dinheiro e sim a sua firma no endosso das letras.

OLIVEIRA - Expliquei-lhe tudo, mostrei-lhe que sendo o prazo das letras a três meses, e devendo eu casar-me muito antes, se eu não as pagasse no vencimento, ele poderia descontá-las do dote de sua filha.

MACEDO - E que respondeu?

OLIVEIRA - Que o futuro pertence a Deus, e que ninguém sabe do dia de amanhã.

MACEDO - Terá desconfiado?

OLIVEIRA - De quê? Da minha intenção de não casar-me?

MACEDO - Sim.

OLIVEIRA - Não; a princípio tive a mesma idéia; porém desvaneceu-se logo.

MACEDO - Por quê?

OLIVEIRA - Porque acabou declarando-me que o negócio estava nas minhas mãos: que, se eu quisesse podia casar-me amanhã, e amanhã mesmo receberia o que ele tem de me dar.

MACEDO - Pois então case-se!

OLIVEIRA - Com duzentos contos! Uma ninharia...

MACEDO - Mas lembre-se que amanhã sem falta precisamos de setenta.

OLIVEIRA - Lembro-me!

MACEDO - E não sei onde os iremos buscar; nossas firmas já estão muito carregadas.

OLIVEIRA - Uma emissão de ações! O seguro tem subido.

MACEDO - É verdade; porém já temos mais de seis mil na Praça.

OLIVEIRA - E não é possível demorar-se por alguns dias essa operação? Sábado talvez o Pacheco se tenha resolvido, vou recorrer a Julieta.

MACEDO - É um bom meio, que já devia ter empregado. Quanto à demora, é impossível; a todo o momento pode divulgar-se o segredo do dividendo e perdemos a transação.

OLIVEIRA - Mas está bem certo que ela nos dará lucro?... Por que já são duas...

(BORGES *sai de casa e vem aproximando-se.)*

MACEDO - Esta é segura. O dividendo há de ser de doze mil-réis, coisa que ninguém espera; compramos amanhã, dinheiro à vista, dez mil dividendos a sete mil-réis, três dias depois recebemos os setenta contos, e mais trinta e cinco de lucro. Não pode haver especulação mais... *(Volta-se.)*

OLIVEIRA *(baixo)* - É o Borges.

CENA II

Os mesmos e BORGES

BORGES - Conversavam em particular? Vim talvez interrompê-los?

MACEDO - Não; falávamos de coisas indiferentes.

OLIVEIRA - Saímos para tomar um pouco de fresco.

BORGES - Desejava dar-lhe uma palavra, Sr. Macedo.

MACEDO - Imediatamente?

BORGES - Sim.

MACEDO - Às suas ordens.

BORGES - O senhor permite?

OLIVEIRA - Oh! Sem dúvida. (BORGES *passa ao lado do portão.)*

MACEDO *(baixo a* OLIVEIRA) - Um cheque!

OLIVEIRA *(sorrindo)* - De D. Olímpia?

MACEDO - Já lhe disse que são calúnias.

OLIVEIRA *(rindo)* - Acredito.

MACEDO - Espere, temos que falar ainda.

OLIVEIRA - Bem. *(Afasta-se para o fundo.* MACEDO *dirige-se ao portão,* BORGES *vem a ele.)*

CENA III

MACEDO E BORGES

BORGES - Meu amigo, tenho tantas vezes abusado de sua bondade que me acanho...

MACEDO - Não tem razão: sabe que estou sempre disposto a servir às pessoas a quem estimo.

BORGES - Vejo-me obrigado ainda a recorrer ao senhor para livrar-me de um grande embaraço. Preciso de algum dinheiro.

MACEDO - A ocasião agora é má, estou no desembolso de grandes quantias. Certas negociações.

BORGES - Asseguro-lhe que é a última vez que o incomodo. Tenho esperança de poder breve pagar-lhe o que já lhe devo; só não poderei pagar-lhe a amizade e os obséquios imensos que nos têm sido feitos. Mas o meu reconhecimento...

MACEDO - Conta, então, com algum auxílio?

BORGES - Em segredo, eu lhe digo: o senhor é amigo, e posso confiar-me. O casamento de Cristina com o filho do Pacheco é coisa quase decidida; eles se amam, o pai e a mãe sabem e vêem até com prazer. Talvez que um destes dias seja pedida...

MACEDO - Ah! Tinha já uma inclinaçãozita; mas não julgava as coisas tão adiantadas. Dou-lhe o parabém. É uma fortuna!

BORGES - Já vê que, realizado esse casamento, minha filha rica não deixará de pagar as dívidas que seu pai contraiu para á sua educação!...

MACEDO - Decerto, e até mesmo nem precisa fazer sacrifício, basta que o rapaz entregue os seus capitais a um homem hábil que saiba fazê-los girar para, em pouco tempo tirar lucros enormes.

BORGES - É justamente a minha idéia: Hipólito é um moço inteligente, e si ele unir-se a um homem como o senhor, fará uma bela carreira.

MACEDO - Obrigado, meu amigo. Amanha irei vê-lo e farei o possível para cumprir as suas ordens.

BORGES - Fico-lhe infinitamente agradecido. MACEDO - Não tem de quê. (BORGES *entra.)*

CENA IV

MACEDO *e* OLIVEIRA

OLIVEIRA - Pagou?

MACEDO - Não, aceitei a um dia de vista. OLIVEIRA - Sem desconto?

MACEDO - Integralmente, e lancei o primeiro fio de uma grande operação.

OLIVEIRA - Sobre aquela Praça, duvido! Parece-me que está em crise monetária.

MACEDO - Que pensa? É o melhor tempo para a especulação.

OLIVEIRA - Pode ser, mas tenho as minhas dúvidas.

MACEDO - Mas sobre o nosso negócio... Não esqueça de pedir a Julieta.

OLIVEIRA - Agora mesmo.

MACEDO - Do meu lado, eu tocarei o Pacheco.

OLIVEIRA - Vai falar-lhe? Peça-lhe que venha...

MACEDO - Nessa não caio; no momento em que lhe disser que desejo falar-lhe, encolhe-se como uma ostra dentro da casca. Há de ser de repente.

OLIVEIRA - É inútil: não consegue nada.

MACEDO - Quem sabe. *(Vão conversando para a porta. Saem* HIPÓLITO *e* RODRIGO; *este pede fogo a* MACEDO *e acende o charuto.)*

CENA V

HIPÓLITO *e* RODRIGO

HIPÓLITO - Sinceramente, não te compreendo.

RODRIGO - Por quê?

HIPÓLITO - Duvidas de tudo.

RODRIGO - Ao contrário. (MACEDO *e* OLIVEIRA *entram na casa.)*

HIPÓLITO - Ainda hoje não te disse uma palavra que a tua resposta não fosse "talvez."

RODRIGO - E chamas a isto duvidar?

HIPÓLITO - Decerto.

RODRIGO - E se eu afirmasse?

HIPÓLITO - Como?

RODRIGO - Se eu afirmasse que te enganas?

HIPÓLITO - Ah!... *(Depois de uma pausa)* Então Cristina não me ama?

RODRIGO *(sorrindo)* - Talvez!

HIPÓLITO - Queres brincar! *(Senta-se.)*

RODRIGO *(tira a carteira)* - Toma um charuto. Que bela noite! Vamos passear.

HIPÓLITO - Não quero!

RODRIGO - Preferes ficar aqui. Não gostas de banhar-te na claridade da lua, e sentir os seus raios te envolverem como uma onda de luz?

HIPÓLITO *(erguendo-se)* - Não penses que me iludes com os teus devaneios! Sabes alguma coisa e não queres dizer-me.

RODRIGO - Não sei nada. *(Afasta-se.)*

HIPÓLITO - Rodrigo, há um momento abri-me contigo, confiei-te as minhas afeições, as minhas esperanças e fiz-te quase da família. Depois disto tenho o direito de exigir de ti igual confiança.

RODRIGO - É exato. Mas sabes se eu sou teu amigo?

HIPÓLITO - Como?

RODRIGO - Sabes distinguir atualmente a amizade, o amor, o sentimento enfim, de um outro objeto que tem a mesma aparência?

HIPÓLITO - Que objeto?

RODRIGO - O crédito.

HIPÓLITO - Não te entendo! *(Uma pausa.)*

RODRIGO - Todas as grandes idéias, Hipólito, têm a sua aberração, é a conseqüência da fraqueza humana. A liberdade produziu a licença, a religião o fanatismo, o poder a tirania, o dinheiro a usura. O crédito não podia escapar a essa lei fatal; ligando-se à ambição, produziu também o seu aborto. Novo Proteu, esse filho bastardo toma todas as formas, imita todos os sentimentos. Nós o encontramos a cada passo, nos salões, no interior das casas, nas relações mais íntimas; às. vezes sob a figura de uma menina, às vezes disfarçado em moço elegante ou em um homem respeitável.

HIPÓLITO - Para quê? Com que fim?

RODRIGO - O seu fim é a monetização do sentimento. Não ouviste o que dizia há pouco o Macedo sobre o amor? Tomaste por gracejo?

HIPÓLITO - Certamente, ele está sempre a brincar.

RODRIGO - Pois é uma verdade. A ciência que nestes últimos tempos tem feito grandes progressos, empreendeu, e conseguiu mobilizar todos os valores; um prédio, uma terra toma a forma de uma letra e corre como moeda. É um grande resultado para a indústria. A especulação porém que é mais inventiva do que a ciência, entendeu que do mesmo modo que se fazia de uma casa um bilhete de banco, podia se fazer do sentimento um capital.

HIPÓLITO - Como?

RODRIGO - Ah! Desejas conhecer esse novo sistema econômico? É muito curioso! Entra em uma sala e observa. Ali vês um homem gasto que faz a corte a uma moça; a dois passos, uma menina que, vencendo o pudor, requesta claramente o filho de um negociante rico, uma senhora que dizem ser a amante de um velho, um rapaz que persegue outro com a sua amizade. Acreditas que é o sentimento que se manifesta?

HIPÓLITO - Ao menos parece.

RODRIGO - Pois é o crédito social que funciona. O sentimento aí é apenas o meio de manter relações que são habilmente exploradas. O homem gasto que vai casar com uma moça rica, tem a esperança de um dote e saca sobre essa esperança como sobre um depósito. A menina que muitas vezes por ordem de sua mãe dá à sociedade o espetáculo de um namoro ridículo com um moço rico, faz supor um casamento que deve ser para seus pais uma caução de dívidas já contraídas. A mulher casada que afeta uma ligação com um velho desprezível, diz ao público que a sociedade conjugal tem um sócio capitalista ou um marido suplementar solidariamente responsável pelos encargos da firma. O moço que se liga ao filho de um negociante e não o deixa; que toma-lhe o braço na rua, e senta-se junto dele no teatro ou no hotel, afetando uma grande intimidade em todos os lugares públicos, trata de mostrar aos credores já desconfiados que ele tem um fundo de reserva que responde pela emissão de suas letras. Para essa espécie de gente, Hipólito, os homens não são homens, são penhores; os sentimentos são hipotecas tácitas.

HIPÓLITO - Então não acreditas que exista amor verdadeiro?

RODRIGO - Tanto existe que o procuram imitar porque o grande triunfo que tem a virtude sobre o vício em todos os tempos é esse; que a virtude se mostra a rosto descoberto, enquanto o vício toma a máscara de sua inimiga para aparecer; uma é sempre a verdade; o outro só pode viver como uma mentira.

HIPÓLITO - Não importa! É sempre uma coisa bem triste a sociedade do Rio de Janeiro.

RODRIGO - Não é a sociedade do Rio de Janeiro, é a lia dessa sociedade. Nunca viste um copo d'água aos raios do microscópio solar? No meio daquela onda límpida e cristalina, nada uma infinidade de vermes que se esforçam por subir à flor, e que se depositam no fundo apenas a água fica em repouso. Esses vermes existem na escala ínfima da população e ao menor movimento, procuram vir à superfície; vistos a olho nu são gotas d'água pura; vistos ao microscópio são vermes. Eles formam em todas as grandes cidades essa parte da população que procura resolver o problema de viver sem trabalho.

HIPÓLITO - De viver à custa dos outros!

RODRIGO - Outrora, esses vermes sociais empregavam a piedade; mendigos de casaca e luvas, iam chorar em todos os lugares onde as lágrimas podiam cristalizar em moeda. Da piedade passaram à educação; cada um fez-se um ponto de admiração que se via constantemente perfilado diante de um homem rico, na sua casa, na sua mesa, na sua intimidade. Finalmente inventou-se o crédito; a sociedade invisível aproveitou-o. Cada verme constituiu-se um agiota de sala, e joga com a alta e a baixa dos sentimentos.

HIPÓLITO - E tolera-se semelhante gente? Por que os homens de bem não os expelem e não os cobrem com o seu desprezo?

RODRIGO *(sorrindo)* - Por uma singularidade bem natural, Hipólito. *Os* homens de bem e de talento ordinariamente têm um certo ciúme uns dos outros; repelem-se, mas temem-se; aspiram à superioridade e por isso não querem um rival. Os tratantes, ao contrário, têm uma certa maçonaria; conhecem-se, ligam-se, atraem-se e auxiliam-se mutuamente para combaterem o inimigo comum - a sociedade. Quando, pois, um homem honesto acha-se no meio deles só e isolado, o que pode fazer?

HIPÓLITO - Tirar-lhes a máscara.

RODRIGO - Para quê? Para rirem-se dele? Quem o acreditaria? Aqueles que o consideram seus amigos? Demais, lembra-te que há em toda a criatura que se perde, um resto de bem que é abafado pelos maus instintos, mas que um dia pode desenvolver-se e regenerar o espírito. Quantos homens não se corrigem pela amizade, pelo amor, pela estima de uma pessoa honesta, e que pela vergonha do escândalo se irritariam contra a sociedade, e do vício desceriam ao crime? O que um homem honesto deve fazer é aproveitar os impulsos generosos, estender a mão a essas almas decaídas que encontra em seu caminho e ajudá-las a erguer-se, ou pelo exemplo, ou pelo conselho.

HIPÓLITO - E se esse homem vê um amigo que vai ser vitima de uma dessas especulações, não deve falar-lhe francamente? Não deve dizer-lhe: a mulher que te diz amar, calcula com o teu coração?

(Ouve-se tocar piano dentro de casa.)

RODRIGO - Deve falar francamente quando tiver as provas; e antes disso tudo quanto pode fazer um amigo por seu amigo, sem mentir à

consciência, é mostrar-lhe o mundo como ele é, e dizer-lhe: - Olha e vê!

HIPÓLITO - Debalde procuras encobrir! Compreendo tudo; sei de quem pretendes falar.

RODRIGO - Não te falei de indivíduos, falei-te da sociedade.

HIPÓLITO - Respeito a tua delicadeza e te agradeço. Tu me abriste os olhos. Cristina faz do meu amor um objeto de especulação.

RODRIGO - Por que pensas assim? Ela é muito moça para fazer semelhante cálculo. É uma criança, que serve de instrumento a outras ambições. Quando compreender o sentimento, talvez te ame por ti exclusivamente.

HIPÓLITO - Não, um coração que se perverte a este ponto, não pode amar. Pois olha, Rodrigo, era uma afeição séria, apesar desta minha jovialidade ordinária; no meio das extravagâncias, dos prazeres rápidos e passageiros, essa menina representava para mim a imagem do amor puro. Quando às vezes me sentia gasto e fatigado, a sua lembrança me fazia entrever uma outra vida melhor...

CENA VI

Os mesmos e CUSTINA

CRISTINA *(na porta)* - Hipólito!

RODRIGO *(baixo, a* HIPÓLITO) - Não a ofendas!

CRISTINA *(chegando-se)* - Venha valsar comigo.

HIPÓLITO *(friamente)* - Obrigado!

CRISTINA *(baixo)* - Está zangado outra vez?

HIPÔLITO *(secamente)* - Não, senhora.

CRISTINA - Que quer dizer isto?

HIPÓLITO - Quer dizer, D. Cristina, que o amor é uma coisa muito séria para os estudantes e para as meninas que não o compreendem.

Eu tenho os meus romances, a senhora as suas bonecas para nos divertirmos; não precisamos, portanto, arremedar os namorados.

CRISTINA - Está gracejando?

HIPÓLITO - Adeus!

CRISTINA - Ah! *(Senta-se.* HIPÓLITO *afasta-se pelo fundo.)*

CENA VII

RODRIGO *e* CRISTINA

RODRIGO *(aproximando-se)* - Ele ama-a.

CRISTINA - E zomba de mim?

RODRIGO - De quem é a culpa?

CRISTINA - Não sei! Minha, não! Ele bem sabe os meus sentimentos!

RODRIGO - Não os acredita.

CRISTINA - Não percebo!...

RODRIGO *(rindo-se)* - E eu não sei explicar-lhe.

CRISTINA - Por quê?

RODRIGO - Porque há coisas que sentem-se e não se dizem.

CRISTINA - Mas que posso eu fazer para que ele não duvide de mim?

RODRIGO *(depois de uma pausa)* - Quer que lhe fale como Hipólito lhe falaria?

CRISTINA - Eu lhe peço.

RODRIGO - É difícil! Mas enfim!... Não sei em que livro li que Deus, querendo proteger a mulher contra as seduções deste mundo, viu-se em sérios embaraços; não podia dar-lhe a bondade infinita porque fazia dela um anjo; não podia dar-lhe a força e a razão porque fazia dela um homem. Então teve uma lembrança feliz; bafejou a mulher

com o seu hálito divino. Está sorrindo da minha poesia? Não importa! A poesia é às vezes o único meio de dizer certas coisas.

CRISTINA - Ao contrário, ouvindo-o com prazer.

RODRIGO - Não sabe para que Deus lembrou-se de bafejar a mulher?

CRISTINA - Confesso que não.

RODRIGO - Foi para que o homem não pudesse tocá-la com um gesto, um olhar, uma palavra, sem tocar nesse sopro celeste, e sem revelar tudo que há de divino em sua alma. É essa espécie de sensitiva moral, que traz o rubor às faces, que cerra as pálpebras e prende a palavra nos lábios, O que os homens chamam pudor.

CRISTINA Ah!

RODRIGO - Ora, se uma menina de quinze anos dissesse a um homem que o ama, sem que os seus olhos límpidos se turvem, sem que seu rosto core, é preciso que este homem esteja cego para não ver...

CRISTINA - O quê?

RODRIGO - Que essa menina não compreende o que diz, e repete palavras que ouviu, e nesse caso Hipólito tem razão, brinca-se o amor com as bonecas. *(Mudando de tom)* Que belo luar está fazendo, D. Cristina...

CRISTINA - Porém...

RODRIGO *(interrompendo-a)* - O Rio de Janeiro tem o privilégio destas bonitas noites. A senhora não faz idéia! Viaja-se toda a Europa... Creio que Hipólito me chama... *(Vai sair, chega* JULIETA; *todas as outras personagens,* à *exceção de* HIPÓLITO *vão saindo de casa.)*

CENA VIII

Os mesmos, JULIETA, *depois* OLÍMPIA *e* GUIMARÃES

JULIETA - Muito bem! Fugiram da sala para virem conversar com as estrelas. Por que não me chamaste, Cristina?

CRISTINA - Estavas falando com o Oliveira...

JULIETA *(interrompendo-a)* - Que tinha isso? Tu és muito egoísta. *(A* RODRIGO) E o senhor também.

RODRIGO - Ao contrário, D. Julieta; distrair os pensamentos que pertencem a outro é que seria além de egoísmo um crime.

JULIETA - Crime que não se pune.

RODRIGO - Sim, mas que também não se perdoa!

JULIETA - Quantas vezes!... Que dizes, Cristina?

CRISTINA - Não sei!...

JULIETA - Estás tão séria!

OLÍMPIA *(chegando)* - Sr. Rodrigo! Alguns amigos jantam em nossa casa na quinta-feira próxima, e desejamos ter o prazer de sua companhia; meu marido há de convidá-lo pessoalmente, mas eu quis ser a primeira a fazer-lhe este pedido.

GUIMARÃES - Não se pode resistir a um convite tão amável.

RODRIGO *(com ironia)* - Sobretudo quando não se está habituado! *(A* D. OLÍMPIA) Mas é impossível, minha senhora!

OLÍMPIA - Por quê? Faça um pequeno sacrifício.

RODRIGO - Estou fora da cidade na quinta-feira.

OLÍMPIA - Podemos transferir.

RODRIGO - Por minha causa?

OLÍMPIA - Não; pela minha. Entra nisso um pouco de vaidade e de capricho: desejo tê-lo em minha casa. Não me desculpa?

GUIMARÃES - A isto não se responde, D. Olímpia.

OLÍMPIA *(a* RODRIGO) - Então?

RODRIGO - Até quinta-feira, minha senhora.

OLÍMPIA - Obrigada, não falte. *(A* CRISTINA) Cristina, vamos. Já disseste adeus a Hipólito?

RODRIGO *(a* JULIETA) - Boa noite. *(Aperta a mão.)*

OLÍMPIA (à *mesma)* - Diga a seu mano que eu conto com ele.

RODRIGO *(a* CRISTINA) - D. Cristina!...

CRISTINA - Não me aperta a mão?

RODRIGO - Com prazer. *(Afasta-se;* JULIETA *acompanha-o com os olhos.)*

GUIMARÁES *(a* OLÍMPIA) - V. Ex.a então mora aqui mesmo em S. Clemente?

OLÍMPIA - Sim, senhor.

GUIMARÃES - É um lindo arrabalde. Venho muitas vezes para estes lados por causa do Hipólito. Somos muito amigos...

OLÍMPIA - Ah! não sabia!...

GUIMARÃES - Amigos íntimos; jantamos juntos todos os dias no Hotel da Europa, somos inseparáveis!

OLÍMPIA - Pois, então, não quero ser a causa de um desprazer entre dois amigos; na quinta-feira, em minha casa...

GUIMARÃES - Oh! minha senhora!

OLÍMPIA - Já tinha dito a meu marido... GUIMARÃES - O Sr. Borges? Uma bela pessoa. *(Vão-se afastando)* Há pouco estivemos conversando. (HIPÓLITO *aparece.)*

CENA IX

Os mesmos e HIPÓLITO

JULIETA (a CRISTINA) - Estiveste tanto tempo aqui! Que te dizia ele?

CRISTINA - Quem? Hipólito...

JULIETA - Não.

CRISTINA - O Sr. Rodrigo?

JULIETA - Sim.

CRISTINA - Conversava a teu respeito.

JULIETA - Mentirosa!...

CRISTINA - Oh! de ti ele não diria o que me disse.

JULIETA - O quê?

CRISTINA - Nada! *(Enxuga os olhos.)*

JULIETA - Ofendeu-te?

CRISTINA - Não.

JULIETA - Mas então?

CRISTINA - Deixa-me!

JULIETA - Cristina!

CRISTINA - Adeus! Onde está mamãe?

JULIETA - Vem cá!... *(A* HIPÓLITO) Tu lhe fizeste alguma coisa?

HIPÓLITO - Não, mas peço-te que não converses mais com ela a meu respeito.

JULIETA - Por quê?

HIPÓLITO - Amanhã te direi.

JULIETA - Onde vais?

HIPÓLITO - Passear; acompanho Rodrigo até Botafogo!

JULIETA *(sorrindo)* - Olhe, não roube os pensamentos que pertencem a outra!

RODRIGO - Quando se partilham não é possível. *(Sobem a cena, enquanto* PACHECO *e* MACEDO *descem.* RODRIGO *aperta a mão de* JULIETA *e dirige-se ao portão com* HIPÓLITO.)

CENA X

PACHECO *e* MACEDO

MACEDO - Ora, esqueceu-me de dizer-te uma coisa. O Oliveira...

PACHECO *(voltando-se)* - Sr. Rodrigo! E a nossa questão de crédito?

RODRIGO *(do portão)* - Tem a palavra o Sr. Macedo.

PACHECO - Olhe que não cedi dos meus princípios.

MACEDO - Com o tempo hás de ceder.

PACHECO - Pois não! Mas ias dizendo...

MACEDO - Que o Oliveira está em vésperas de fazer uma fortuna colossal, mas é bom que o ajudes. Ele talvez tenha acanhamento de dirigir-se a ti, por isso deves oferecer-lhe...

PACHECO - Já que falas nisto, vou dizer-te o que há. Lembras-te que quando este moço entrou em minha casa e se falou neste casamento, não me opus; tu me deste as melhores informações a seu respeito; Julieta queria, e eu sempre entendi que a escolha do marido pertence à mulher que deve viver com ele, e sofrê-lo. Destinei um dote de duzentas apólices para cada um dos meus filhos, e por isso não preciso sacrificar a sua felicidade ao dinheiro. Entendeu, porém, meu futuro genro que eu devia endossar-lhe letras, falou-me nisso ontem, e hoje trouxe-me sete de dez contos cada uma!

MACEDO - E endossaste naturalmente.

PACHECO - Não, nem pretendo.

MACEDO - Por quê? Não te acho razão. Não é dinheiro que tens de dar, é simplesmente a tua firma.

PACHECO - Pior! A minha firma não anda por aí em todas as mãos. Enquanto tiver um real de meu não quero que ninguém possa dizer que lhe devo.

MACEDO - Mas não é dever. Atente bem, é garantir.

PACHECO - Todo o homem que garante uma dívida constitui-se principal pagador e deve ter o dinheiro pronto.

MACEDO - Então pensas que o Oliveira, um moço rico...

PACHECO - Quando ponho o meu nome em uma letra, tomo o seu valor em dinheiro, fecho-o na burra e digo comigo: este não me pertence mais.

MACEDO - Em todo o caso, visto que ele tem de receber o dote... que destinas...

PACHECO - Quando minha filha casar-se, seu marido disporá do que é seu como lhe aprouver!... Antes disso não devo tocar nesse depósito sagrado!...

CENA XI

Os mesmos, BORGES, OLIVEIRA, ANTÔNIA, JULIETA, OLÍMPIA e CRISTINA

BORGES - Boa noite, Sr. Pacheco.

PACHECO - Boa noite. *(Fala com as senhoras.)*

MACEDO *(a* OLIVEIRA) - Nada.

OLIVEIRA - Não te disse?

BORGES - Meus senhores!

OLÍMPIA - Adeus, D. Antônia.

D. ANTÔNIA - Passe bem. Agora estamos outra vez vizinhas.

OLÍMPIA - É verdade!

JULIETA (a CRISTINA) - Então decididamente não me dizes?

CRISTINA - Não posso.

JULIETA - Pois fico mal contigo.

CRISTINA - Paciência!

MACEDO (a OLIVEIRA) - Ainda fica?

OLIVEIRA - Não, vamos.

MACEDO - Até amanhã, Pacheco.

PACHECO - Até amanhã.

MACEDO - D. Antônia! *(Vai ao portão.)*

OLIVEIRA - Não se esqueça de falar a seu pai.

JULIETA - Não, eu prometi-lhe e bem que me custe...

OLIVEIRA - Em que lhe custa, Julieta?

JULIETA - Eu sei!...

OLIVEIRA - Boa noite! *(sai.)*

PACHECO - Venham fechar o portão. *(Dirige-se à casa.)*

D. ANTÔNIA - Hipólito ainda não entrou.

PACHECO - Anda de passeio a esta hora! Por isso é que acorda-se ao meio-dia. *(Entra.)*

CENA XII

D. ANTÔNIA *e* JULIETA

D. ANTÔNIA - Tu não vens, Julieta?

JULIETA - Escute, minha mãe.

D. ANTÔNIA *(chegando-se)* - O que é?

JULIETA - Quero falar-lhe.

D. ANTÔNIA - Sobre?

JULIETA - Sobre esse casamento.

D. ANTÔNIA - Ah! Houve alguma coisa?

JULIETA - Não; mas tenho um pressentimento... parece-me que não hei de ser feliz!

D. ANTÔNIA - Por que, minha filha? Tu não amas esse moço?

JULIETA - Não sei!... Creio que não!

D. ANTÔNIA - Mas houve um tempo em que o amaste. Foi por tua vontade...

JULIETA - Não me queixo, minha mãe. Consenti!...

D. ANTÔNIA - Então?

JULIETA - Naquela ocasião, confesso, senti um prazer quando ele pediu a minha mão, essa idéia de fazer a felicidade de um homem que me oferecia sua vida, me seduziu! mas não sei!... Parece-me que me enganei... que tomei por amor o que era apenas um desejo de menina. Olhe, minha mãe, quando interrogo meu coração, revolto-me contra mim mesma! Por que aquilo que antes me causava alegria, agora me repugna?

D. ANTÔNIA - Sei o que é; uma moça que teve a tua educação, nunca pensa nisto sem um certo receio.

JULIETA - Como se engana, minha mãe! O que eu sinto é uma desilusão, conheço que esse casamento seria o sacrifício de minha vida inteira.

D. ANTÔNIA - Escuta, Julieta; nós as mulheres vivemos de sacrifícios; devemos dar a felicidade e não procurá-la para nós. Deus assim o quis; é menos doce, porém é mais nobre e mais generoso. O Oliveira te ama... tu aceitaste o seu amor...

JULIETA - Ele não me ama!

D. ANTÔNIA - Como? Não disseste há pouco...

JULIETA - A princípio, cuidei; foi outro engano; ele só pensa na sua fortuna. Vem aqui para tratar dos seus negócios. Ainda hoje... Sabe o que me pediu?

D. ANTÔNIA - O que foi?

JULIETA - Pediu-me para obter de meu pai que assinasse umas letras! Eis para que me quer! Não é triste?

D. ANTÔNIA - Por quê? Teve acanhamento de falar a teu pai, dirigiu-se a ti. É ao contrário uma prova de confiança.

JULIETA - Mas não de amor.

D. ANTÔNIA - O amor desculpa tudo, Julieta. Eu também fui moça como tu e amei; nós somos ordinariamente muito exigentes; queremos que o homem a quem amamos seja um herói, a nossa imaginação os engrandece tanto que depois quando o vemos de perto, na intimidade, o achamos pequeno.

JULIETA - Nunca pensei assim; mas esperava amar um homem que eu admirasse pela sua inteligência... (Entra HIPÓLITO e passa no fundo.)

CENA XIII

As mesmas e HIPÓLITO

HIPÓLITO - Ainda estão conversando?

D. ANTÔNIA - Ficamos te esperando. (Sobe.) Manda fechar o portão.

HIPÓLITO (beija a mão de D. ANTÔNIA) - Sim, senhora. Boa noite, Julieta.

D. ANTÔNIA (a JULIETA) - Tranqüiliza o teu espírito, e acredita-me: a inteligência admira-se, mas a admiração não é o amor, e só se deve amar neste mundo o coração; porque é ele que faz o homem bom ou mau! Vem, é tarde. (Retiram-se. Passa um preto que vai fechar o portão. Cai o pano.)

ATO TERCEIRO

Saleta em casa de PACHECO; no fundo vê-se a sala de jantar e a mesa posta com um talher.

CENA PRIMEIRA

JULIETA *e* HIPOLITO

(JULIETA *faz croché, sentada num sofá.)*

HIPÓLITO *(entrando para o fundo)* - Deita o almoço! *(Desce.)*

JULIETA - Com efeito, Hipólito! São mais de onze horas...

HIPÓLITO *(vendo o relógio)* - É verdade! Já levei ponto *(senta-se numa cadeira de balanço.)* Decididamente é uma fortuna para a humanidade que meu pai seja rico.

JULIETA - Por quê?

HIPÓLITO - Porque senão apenas me formasse metia-me a curar e era pior do que uma epidemia. Via-me na dura colisão de morrer de fome ou de matar os desgraçados que me caíssem nas mãos.

JULIETA - Não digas isto nem brincando.

HIPÓLITO - Não te assustes, Julieta! Meu pai teve bastante juízo para ganhar uma porção de contos de réis e portanto os pobres dos hospitais estão livres de mim.

JULIETA - Mas se não pretendes exercer a tua profissão, para que estudas?

HIPÓLITO - Então pensas que a profissão do médico é só curar?

JULIETA - Qual é a outra?

HIPÓLITO - As outras deves dizer. Um médico hoje é um doutor, e um doutor serve para tudo. Há médicos políticos, médicos financeiros, médicos administradores e médicos honorários; é a esta última classe que hei de ter a honra de pertencer.

JULIETA - E que faz ela?

HIPÓLITO - O seguinte: passear na Rua do Ouvidor, fumar o seu charuto no Desmarais, freqüentar os bailes e os teatros, namorar as viúvas, ajudar por ano uma operação, fazer visitas para dar consumo aos cartões com o competente *d-r,* e meter de vez em quando na conversa uma palavra técnica para chamar a atenção. Que dizes? Não é uma bela ocupação?

JULIETA - Mas tu não a deves escolher.

HIPÓLITO - Por que razão?

JULIETA - Um homem que só se ocupa consigo não é um ente inútil para os outros? Se o pobre deve trabalhar para ganhar com que sustentar-se, o rico deve usar da inteligência que Deus lhe deu, não para ele, mas para a sociedade.

HIPÓLITO - Aposto que foi Rodrigo quem te ensinou isto?

JULIETA *(confusa)* - Não sei.

HIPÓLITO - Foi, não negues. Ele pensa assim, porém eu entendo que o único trabalho de um homem rico é distribuir a fortuna que Deus lhe. deu. Uns fazem essa distribuição em esmolas, outros em jantares. No fim, o efeito é o mesmo.

JULIETA - Pois olha, eu sou mulher e tenho mais direito do que tu a essa vida ociosa e estéril. Entretanto, furto todos os dias algumas horas às minhas distrações para dedicá-las a uma ocupação qualquer; coso, bordo, não por divertimento, mas por uma obrigação que me imponho a mim mesma.

HIPÓLITO - E que lucras com isso? O trabalho faz-te melhor do que és?

JULIETA - O trabalho é uma boa lição que Deus nos dá; sinto-o por mim. Durante estas horas de uma aplicação séria, lembro-me de que somos todos criaturas destinadas a servir umas às outras; e perco esse pequeno orgulho da riqueza.

HIPÓLITO - Desde quando começou isto?

JULIETA - Desde que compreendi que os ricos deviam ser os primeiros a honrar o trabalho porque é a ele que devem a fortuna. Se meu pai não tivesse trabalhado, não serias pobre?

HIPÓLITO - Antes fosse, ao menos podia ser amado por mim e não pela minha herança.

JULIETA - Ah! Ainda estás com esta idéia? Pensas que Cristina...

HIPÓLITO - Estou convencido; o que ela quer é casar com o filho de meu pai.

JULIETA - Não acredito...

CENA II

Os mesmos e D. ANTÔNIA

D. ANTÔNIA *(entrando)* - Hipólito, teu amigo está aí.

HIPÓLITO - Rodrigo?

D. ANTÔNIA - Não queres recebê-lo aqui?

HIPÓLITO - Sim, senhora. (Caminhando para a porta) Entra! (Desaparece um momento.)

D. ANTÔNIA *(a* JULIETA) - D. Olímpia deixou-te lembranças.

JULIETA - Esteve cá?

D. ANTÔNIA - Não; passou há pouco para a cidade e falou-me mesmo do carro.

JULIETA - Não quis entrar?

D. ANTÔNIA - Na volta.

JULIETA - E Cristina?

D. ANTÔNIA - Ia com ela.

JULIETA - Não perguntou por mim?

D. ANTÔNIA - Não; e tenho reparado que... (HIPÓLITO *e* RODRIGO *entram,* D. ANTÔNIA *sai.)*

CENA III

JULIETA, RODRIGO e HIPÓLITO

RODRIGO - Adeus, D. Julieta. *(Aperta a mão.)*

JULIETA - Sr. Rodrigo!

HIPÓLITO - Sabes! Tens uma apologista das tuas idéias.

JULIETA - Cala-te, Hipólito!

RODRIGO - Das minhas idéias?

HIPÓLITO - Sobre o trabalho. Agora mesmo acabou de dar-me uma lição.

JULIETA (a RODRIGO) - Não acredite!

HIPÓLITO - Se tu a ouvisses falar!... Não sei como ela entende.

RODRIGO - Não sabes a razão? As senhoras compreendem por inspiração o que nós, os homens, só compreendemos pela reflexão e pelo estudo. Por isso, na minha opinião a mulher é hoje o verdadeiro apóstolo da civilização.

HIPÓLITO - Se entendes por civilização os bailes e as modas, concordo; é um apóstolo de leque e crinolina!

RODRIGO - Estás gracejando!... Pois digo-te seriamente que para elevar o Brasil à altura do progresso moral e material da Europa, bastava-me a mulher.

HIPÓLITO - E que farias tu desse anjo-demônio, como lhe chamam os poetas?

RODRIGO - Nada, deixava que cumprisse o seu destino; somente lhe faria compreender as idéias que ela devia inocular no coração do povo. A nossa população precisa de instrução, eu instruiria a mulher.

HIPÓLITO - É um problema difícil.

RODRIGO - Eu resolveria com quatro palavras.

JULIETA - Como?

RODRIGO - De uma maneira muito simples: faria uma lei.

JULIETA - Uma lei?...

RODRIGO - Sim. Decretaria o seguinte: "Nenhuma mulher poderá casar-se sem saber ler e escrever."

JULIETA *(sorrindo)* - Ah!

HIPÓLITO - E com isso julgas que conseguirias?

RODRIGO - Sem dúvida.

HIPÓLITO - Mas lembra-te que nem todas as mulheres se casam; a raça das tias aumenta consideravelmente.

RODRIGO - Nem todas as mulheres se casam, é verdade, mas todas desejam casar.

HIPÓLITO - Que tem isso?

RODRIGO - É quanto bastava para que no fim de um ano não houvesse no Brasil uma mulher que não soubesse conjugar o verbo casar em todos os tempos; aquelas mesmas que tivessem escapado a' lei, por prevenção e na possibilidade de ficarem viúvas, haviam de voltar ao a-bê-cê.

HIPÓLITO *(rindo)* - Neste caso eu fazia-me professor de primeiras letras.

RODRIGO - Desde que a mulher do pobre levasse para a comunhão do matrimônio, além do coração, um espírito cultivado, a civilização desceria às últimas classes; o seio da família seria uma escola moral e instrutiva, na qual o homem receberia desde o berço até o serão do trabalho, com o leite materno, e com as afeições domésticas, as lições de sua mãe ou de sua esposa. *(A* HIPÓLITO) Mas isto são idéias... Passaste ontem por minha casa?

HIPÓLITO - E não te encontrando deixei-te um bilhete.

RODRIGO - Recebi. Precisas de mim?

HIPÓLITO - Queria ter o prazer de ver-te. Por que não apareces? Há muitos dias.

JULIETA - Uma semana.

RODRIGO *(sorrindo)* - Pensas, então, que as minhas teorias são como as receitas de médico? Dou o exemplo; trabalho.

HIPÓLITO - Contudo; não é uma razão para abandonares os amigos. Temos muito que conversar.

JULIETA - Não vais almoçar?

HIPÓLITO - É verdade. Queres jantar enquanto eu almoço?

RODRIGO - Obrigado.

HIPÓLITO - Pois então conversa com Julieta que eu vou fazer a dissecação de um frango e a ingestão de uma xícara de café com leite. Bem vês que não estou tão atrasado na medicina como supões. *(Senta-se na mesa para almoçar e é visível durante a cena seguinte.)*

CENA IV

[RODRIGO *e* JULIETA]

RODRIGO - Que gênio feliz! *(Senta-se.)*

JULIETA - Sim; mas aquela alegria agora é um pouco fingida. Anda triste.

RODRIGO - Por que motivo?

JULIETA - Ele lhe contará.

RODRIGO - É um segredo então?

JULIETA - É; mas o senhor já o sabe.

RODRIGO - Não me recordo.

JULIETA - Cristina...

RODRIGO - Que tem?

JULIETA - Mudou!

RODRIGO - Ah!

JULIETA - Não é a mesma; não fala mais a Hipólito; apenas o cumprimenta. Deixou até de vir à nossa casa! outrora, estávamos sempre juntas; queríamo-nos como duas irmãs, e eu esperava que havíamos de ser um dia. Mas... isto talvez não lhe interessa?

RODRIGO - Ao contrário, interessa-me muito.

JULIETA - Deveras?

RODRIGO - Não sou desses que para afetar gravidade, tratam as questões de sentimento com desdém. Não há nada mais sério para o homem do que sejam suas afeições, que têm sempre uma tão grande influência sobre a sua vida.

JULIETA - É verdade! Delas depende a felicidade e quantas vezes não lhes sacrificamos a nossa existência...

RODRIGO - Hipólito não está neste caso. Cristina é ainda uma menina um pouco travessa, mas tem bastante espírito para que o homem a quem amar possa fazer dela uma senhora distinta!

JULIETA - Porém se ela não o ama?... Não lhe disse que mudou completamente? E sabe desde quando?

RODRIGO - Não.

JULIETA *(confusa)* - Desde quinta-feira! O senhor não conversou com ela nessa noite?

RODRIGO - Trocamos algumas palavras; falamos do luar, de banalidades.

JULIETA -- Somente?

RODRIGO - Creio que só.

JULIETA - Pois eu julguei que essa mudança fosse proveniente do que o senhor lhe disse.

RODRIGO - Qual. Que influência podiam ter as minhas palavras sobre os seus sentimentos?

JULIETA - A mesma que tem a inteligência sobre o coração.

RODRIGO *(sorrindo)* - Não acredite. O amor de Cristina passou naturalmente como passam essas primeiras folhas das árvores antes da florescência.

JULIETA - E é possível isto? É possível deixar de amar uma pessoa que uma vez se amou?

RODRIGO - Não sei, D. Julieta.

JULIETA - Pergunto-lhe... porque deve ser bem triste sentir-se uma afeição com que vivemos algum tempo fugir a pouco e pouco, *e* deixar a alma deserta e só. Creio que há de ser como se víssemos destacar-se de nossa vida os mais belos dias da mocidade.

RODRIGO - Por isso devemos conservar as nossas afeições.

JULIETA - E quando a vontade nada pode contra esse impulso, quando sem que se queira se vão perdendo uma a uma as ilusões, quando parece... que outra afeição toma o lugar da primeira? Que fazer?

RODRIGO - Sofrer o seu destino.

JULIETA - E mudar... e...

RODRIGO - Quer que lhe diga uma coisa, D. Julieta? Se eu tivesse a infelicidade de amar a uma mulher, cuja afeição pertencesse a outro homem e ela me fizesse essa pergunta, sabe o que lhe responderia?

JULIETA - O quê?

RODRIGO - Responderia que uma mulher deve guardar sempre com o seu primeiro amor a virgindade de sua alma; porque um dia se amar a outro homem desejará dar-lhe toda a sua vida e não lhe poderá dar o seu passado.

JULIETA - Ah!

RODRIGO - Que tem?

JULIETA - Nada. *(Perturbada)* Quebrei um fio. Mas se o homem a quem ela tivesse amado fosse... indigno dela, não o poderia, não o deveria desprezar?

RODRIGO - Não; é essa sua mais bela missão, regenerar pelo amor aquele que escolheu para seu companheiro na vida.

JULIETA - Assim se essa mulher o amasse, o senhor não aceitaria esse segundo amor?

RODRIGO - Se ela viesse a amar-me, se depois de ter resistido ao impulso do coração, me estendesse a mão?

JULIETA - Sim!...

RODRIGO - Eu lhe diria: só há neste mundo um meio de esquecer o passado, é confiá-lo a um amigo.

JULIETA - Um amigo?

(Aparece PACHECO.)

CENA V

Os mesmos, PACHECO *e* HIPÓLITO

PACHECO *(entrando)* - Oh!... Sr. Rodrigo. RODRIGO - Como passou? Não foi hoje à cidade?

PACHECO - Não; deixei-me ficar para acabar a minha correspondência do paquete que sai amanhã. Aqui trabalho com mais descanso do que no escritório; estou livre dos importunos.

HIPÓLITO - Bom dia, meu pai.

PACHECO - Acabaste de almoçar agora? Não te envergonhas?

HIPÓLITO - De quê? De almoçar?

PACHECO - De almoçar ao meio-dia.

HIPÓLITO - Isto é um objeto de convenção: os homens não sei por que concordaram em levantar-se ao romper do dia e almoçar às oito horas, do mesmo modo que podiam concordar em deitar-se às três

horas e acordar para jantar. Ora, eu, que não dei procuração a ninguém para fazer semelhante convenção...

RODRIGO - Reivindicas o teu direito.

HIPÓLITO - E almoço à hora que me apraz.

PACHECO - Não atendes que é uma lei natural...

HIPÓLITO - Sei o que V.M.cê quer dizer. É o tal argumento dos passarinhos que acordam com o tiro de peça...

PACHECO - De todos os animais da criação.

HIPÓLITO - Por isso mesmo: é mais uma distinção que tem o homem do animal o acordar à hora que lhe faz conta.

RODRIGO - Já vê o Sr. Pacheco que há argumentos para tudo.

PACHECO - Qual argumento! É o argumento dos preguiçosos.

HIPÓLITO - Não há mais preguiça depois que se inventou o progresso. A humanidade caminha sempre, dizem os filósofos; portanto, eu que tenho a honra de pertencer à humanidade, ou acordado, ou dormindo, devo progredir.

PACHECO (a RODRIGO) - Se ele começa com as suas teorias, estamos perdidos. *(Senta-se.)* Como vai o seu projeto de estabelecimento?

RODRIGO - Perfeitamente.

(HIPÓLITO *senta-se perto de* JULIETA *e, de vez em quando trocam palavras em voz baixa.)*

PACHECO - Estimo muito! Seu pai, que eu conheci quando ainda éramos ambos caixeiros, podia ter-lhe deixado uma fortuna considerável; talvez maior do que a minha.

RODRIGO - Não lamento essa perda; com a educação que me deu, meu pai deixou-me a melhor herança, e a maior riqueza deste mundo.

PACHECO - Entretanto, podia estar hoje com uma fortuna independente.

RODRIGO - A independência da fortuna não é a que eu mais admiro; prefiro a do caráter.

PACHECO - E tem razão! Mas não seria preciso recorrer aos outros...

RODRIGO - Está enganado, Sr. Pacheco; não recorri a ninguém. Dirigi-me a alguns negociantes e capitalistas, apresentei-lhes a minha idéia para a construção de um caminho de ferro. Aceitaram; formamos uma sociedade; eles deram o seu capital em dinheiro, eu dei o meu em inteligência e trabalho. Parece-me que se neste contrato há superioridade, não é decerto da parte daqueles que forneceram a moeda metálica, fabricada pelos homens, mas sim da parte daquele que contribuiu com a moeda universal criada por Deus.

PACHECO - Ah! Voltamos à tal questão do crédito?

RODRIGO - Decerto, porque ela é atualmente a questão da vida e do progresso.

PACHECO - Pode ser; mas ainda não estou convencido.

RODRIGO - Acredito.

PACHECO - Se o senhor me provasse...

RODRIGO - A luz não se prova, Sr. Pacheco, vê-se.

HIPÓLITO - Apoiado! *(Entra* D. ANTÔNIA.)

CENA VI

Os mesmos e D. ANTÔNIA

D. ANTÔNIA *(a* JULIETA) - Julieta, está aí aquela menina cega para quem coseste o vestido. Não queres dar-lho?

JULIETA - Sim, minha mãe!

HIPÓLITO - Ah! É nisto que trabalhas?

JULIETA *(levando o dedo à boca)* - Psiu! Ninguém lhe perguntou!

RODRIGO *(a* HIPÓLITO) - Foste indiscreto! A caridade é uma flor que vive na sombra e desmaia ao sol: não se vê, sente-se! Não é assim, D. Julieta?

JULIETA *(confusa)* - Eu já volto! *(Sai.)*

D. ANTÔNIA - Tens dinheiro na carteira, Pacheco?

PACHECO - Não; mas vou buscar. Quanto queres?

D. ANTÔNIA - Dei mil-réis para dar a uma menina cega, filha de uma pobre mulher...

PACHECO - Dá-lhe vinte se ela merece.

D. ANTÔNIA - Basta ter perdido a vista. Pode haver maior desgraça?...

PACHECO - Decerto. (D. ANTÔNIA *vai sair.* PACHECO *sai.)*

HIPÓLITO - Então eu não dou nada? *(Mete a mão no bolso.)*

D. ANTÔNIA - Não precisa, Hipólito.

HIPÓLITO - Mas eu quero, minha mãe; se fosse um hábil cirurgião far-lhe-ia a operação. Mas...

D. ANTÔNIA *(sorrindo)* - Ainda és estudante.

HIPÓLITO - E estudante vadio; portanto dou-lhe o preço da minha cadeira no Teatro Lírico. Hoje não ouvirei a Charton. *(Dá uma moeda de prata de dois mil-réis. Entra* JULIETA.)

D. ANTÔNIA - Mas para quê?...

HIPÓLITO - Dê, minha mãe. (D. ANTÔNIA *sai.)*

RODRIGO - Só eu é que não tomo parte nesta boa ação...

JULIETA - Mais do que todos!

HIPÓLITO - É verdade! (PACHECO *atravessa ao fundo para ir ter com* D. ANTÔNIA.)

RODRIGO - Corno assim?

JULIETA *(sorrindo) - "A* caridade é uma flor que vive na sombra"...

HIPÓLITO *(ri-se) -* Muito bem, Julieta. *(Para* RODRIGO) E eu não quero ser indiscreto.

RODRIGO *(sorrindo)* - É justo!... *(Entra* PACHECO.)

PACHECO - Ora tornemos à nossa conversa, Sr. Rodrigo.

RODRIGO - Sobre?...

PACHECO - Sobre a grande questão.

RODRIGO - É inútil... Falemos doutras coisas... Há pouco passou-se aqui um fato bem pequeno; deu-se uma esmola; deu-se tão delicada e tão generosa como se podia desejar. Não foi só dinheiro, foi o sentimento que ele exprimia, e o que é mais que tudo, foi o trabalho de mãos mimosas...

JULIETA *(confusa)* - Não fale nisto!

RODRIGO *(sorrindo)* - Deixe; não direi quem é... foi o trabalho de mãos que descalçam a luva para coser a roupa do pobre. Não é possível que a caridade tenha mais graça, mais delicadeza, mais escrúpulo mesmo. Pois bem, no fim de contas, tudo isto não passou de uma esmola.

PACHECO - Então?...

RODRIGO - A esmola é uma generosidade para quem a dá, às vezes é simples vaidade. Para quem a recebe é sempre uma humilhação.

D. ANTÔNIA - Por quê?

RODRIGO - Porque Deus deu as mãos ao homem para trabalhar e não para pedir; porque a vida de toda a criatura deve ser uma luta e não uma súplica.

JULIETA - Mas aqueles que nada têm?

RODRIGO - Os que nada têm, têm ainda a coragem, a força e os braços.

D ANTÔNIA - E se isto lhes falta? Se estão doentes?

RODRIGO - Não me refiro à criatura que a desgraça coloca nessa situação extrema de sentir a fome; então não é a alma que fala, é o corpo que solta o grito supremo da conservação; é a matéria que sucumbe. A estes devemos socorrer como se socorre um naufrágio ou um incêndio; mas não atirar-lhes a esmola como se fossem cães.

PACHECO - Oh!

RODRIGO - A verdadeira caridade, Sr. Pacheco, é a que evita a miséria e não a que a alivia.

JULIETA - Ah!

D. ANTÔNIA - Tu compreendes?

JULIETA *(confusa)* - Creio que sim.

RODRIGO - Então que dizes, Pacheco?

PACHECO - Na verdade!...

RODRIGO - Compare agora a sua esmola com o crédito. Há pouco o senhor gastou vinte mil-réis para sustentar essa menina durante uma semana; eu com o simples empréstimo de onze dei a uma criatura uma profissão honesta.

PACHECO - Bem! Neste ponto acho-lhe razão...

RODRIGO - Em todos, Sr. Pacheco. Se da última classe da sociedade subir à mais alta, verá a mesma coisa. Há uma espécie de miséria que não se enxerga porque esconde-se sob aparências enganadoras; mas que se adivinha, pelo traço que deixam as lágrimas, pela palidez das vigílias. É a miséria coberta de seda e de gala; que sorri nos lábios e chora no coração. Foi criada pelos prejuízos da sociedade que exige que o homem pareça o que não é. Sabe o que há de extingui-la um dia? É o crédito. *(Ergue-se.)*

PACHECO - De que maneira? Explique-se! *(Entra* MACEDO.)

RODRIGO - *Ah!* O senhor começa a interessar-se! Pois o melhor meio de estudar estas coisas, é pela experiência.

PACHECO - Não há dúvida.

RODRIGO - Se quer, eu lhe darei ocasião de obter a prova material.

PACHECO - Estimarei muito.

RODRIGO - Prometo-lhe; talvez esteja mais perto do que pensa.

(Sai. HIPÓLITO *ergue-se e acompanha-o.)*

CENA VII

Os mesmos e MACEDO

(MACEDO *tem entrado e cumprimentado a todos os que estão presentes.)*

MACEDO *(a* D. ANTÔNIA) - Venho da Lagoa, fui encomendar duas camélias para amanhã.

D. ANTÔNIA - Há algum baile?

MACEDO - Não, o jantar de D. OLÍMPIA. Ela gosta da tal flor, talvez unicamente pela razão de custar caro.

PACHECO - Por aqui a esta hora é milagre!

MACEDO - Estava mesmo explicando a D. Antônia... Passando, não quis deixar de entrar.

(D. ANTÔNIA *deixa os dois sós.* JULIETA *sai um momento;* RODRIGO *passeia no fundo com* HIPÓLITO *e saem.)*

PACHECO - Pois hoje deixei-me ficar. Que há pela cidade? (RODRIGO *e* HIPÓLITO *saem.)*

MACEDO - Nada. O Oliveira tem aparecido?

PACHECO - Todas as tardes.

MACEDO - Não o vejo há dias; mas tive ontem boas notícias dele. Aquelas letras que lhe endossaste no valor de setenta contos, serviram para uma operação magnífica. O capital já está salvo; e os lucros excedem a cinqüenta por cento. Fizeste bem em ajudá-lo, seguiste o meu conselho.

PACHECO - Estás enganado. Ninguém me tira de que fiz uma asneira; mas Julieta e minha mulher quiseram.

MACEDO - Não te hás de arrepender. O rapaz vai numa carreira brilhante.

CENA VIII

PACEIECO, MACEDO, OLIVEIRA e D. ANTÔNIA

OLIVEIRA - Como passaram?

D. ANTÔNIA - Sr. Oliveira!

PACHECO *(voltando-se)* - Oh! Hoje é o dia das surpresas!

MACEDO - É verdade! Agora mesmo queixava-me do senhor.

OLIVEIRA - Por quê?

MACEDO - Não aparece mais...

OLIVEIRA *(sorrindo)* - Tenho tido muito o que fazer!

MACEDO - Já soube! A fortuna o protege em tudo.

D. ANTÔNIA - Ela sabe o que faz!

MACEDO - Decerto.

D. ANTÔNIA - Julieta estava aqui... Vou chamá-la. *(Sai.)*

OLIVEIRA (a PACHECO) - Tenho que falar-lhe em particular, Sr. Pacheco.

PACHECO - Vamos então para o meu gabinete. *(Baixo a* MACEDO) Teremos mais letras a endossar.

PACHECO *(saindo)* - Venha!

MACEDO - E eu não posso demorar-me; adeus.

PACHECO - Até amanhã. *(Sai.)*

MACEDO (a OLIVEIRA) - Pode falar: já lhe dei o mel pelos beiços.

OLIVEIRA - Sempre tenho algum receio.

MACEDO - Qual! Peça-lhe que marque o dia o mais breve possível; este sábado ou o outro... Pelo resto eu respondo. Todos já sabem que o senhor casa. D. Olímpia tem-se incumbido de divulgar; mas é preciso que saibam oficialmente. Então o Pacheco que se torça...

OLIVEIRA - Enfim; vamos a ver o que se arranja... *(Sai.)*

CENA IX

MACEDO, D. ANTÔNIA, JULIETA, OLÍMPIA *e* CRISTINA

(MACEDO *toma o chapéu e vai sair.)*

D. ANTÔNIA - O Oliveira?

MACEDO - Está no gabinete com o Pacheco.

D. ANTÔNIA - E o senhor já vai?

MACEDO - Se me dá licença.

D. ANTÔNIA - Jante conosco.

MACEDO - Não posso. *(Vai saindo.)*

JULIETA (a D. ANTÔNIA) - Aí está D. Olímpia.

D. ANTÔNIA *(voltando-se)* - Entre, entre!

OLÍMPIA - Estou morta de fadiga; corri aquela Rua do Ouvidor cinco ou seis vezes! *(Senta-se.)* Espere, Sr. Macedo. (MACEDO *senta-se.)*

JULIETA - Não falas comigo, Cristina?

CRISTINA - Já não te beijei?

OLÍMPIA - Comprei as coisas mais lindas que é possível, D. Antônia! Um vestido o que há de mais moderno e de melhor gosto! Flores de Constantino!...

D. ANTÔNIA - Então preparou-se para os bailes?

OLÍMPIA - Não; comprei por comprar. É sempre assim; quando vou à Rua do Ouvidor, gasto duzentos ou trezentos mil-réis sem necessidade; mas que se há de fazer do dinheiro? Borges zanga-se; eu rio-me.

MACEDO - Não lhe custa a ganhar! *(Ri-se.)*

JULIETA - Sabe, D. Olímpia; estou muito queixosa da senhora.

OLÍMPIA - Que lhe fiz eu?

JULIETA - Não deixa Cristina vir ver-me como costumava.

OLÍMPIA - Ao contrário... Ela é que tem sempre um motivo para não vir... Eu já desconfiei de algum arrufo..

CRISTINA - Tenho estado doente; não lhe disse, mamãe?

OLÍMPIA - Sim... Mas, D. Julieta, ia me esquecendo... Dê cá um abraço...

JULIETA - Por quê?

OLÍMPIA - Ande lá! Hoje na cidade não me falavam de outra coisa; e todos achavam que não podia haver melhor escolha.

JULIETA - Mas de quê?

OLÍMPIA - Não queira esconder; já todo mundo sabe.

JULIETA - Menos eu.

OLÍMPIA - Quando é o dia?

D. ANTÔNIA - Ainda não está marcado.

MACEDO - Por ora ainda é segredo!

JULIETA *(perturbada)* - Não gosto que me falem nisto, D. Olímpia; sempre cuidei que as amigas guardassem melhor o que se lhes diz em confidência.

CRISTINA - Não me acuses, Julieta. Mamãe que diga se ouviu de mim. Sou uma criança; mas sei guardar um segredo.

OLÍMPIA - Foi agora na cidade que me disseram.

JULIETA *(a* CRISTINA) - Perdoa!

CRISTINA - Foste injusta.

JULIETA - Confesso.

(Entram RODRIGO *e* HIPÓLITO. RODRIGO *vendo* D. OLÍMPIA, *quer sair.)*

CENA X

Os mesmos. RODRIGO *e* HIPÓLITO

OLÍMPIA - Ah! Sr. Rodrigo, venha cá; quero ralhar com o senhor.

RODRIGO - Por que razão, D. Olímpia?

OLÍMPIA - Não apareceu ontem à noite; eu esperei.

RODRIGO - Não me foi possível...

OLÍMPIA - Diga que se aborreceu! Passar todas as noites na mesma casa.

RODRIGO - Para mim é muito agradável. (D. OLÍMPIA *fala-lhe ao ouvido.)*

JULIETA *(perturbada, a* CRISTINA) - Ele tem ido todas estas noites à tua casa?

CRISTINA - Vai conversar com papai. De que te admiras?

RODRIGO *(chegando-se* a CRISTINA) - Está mal comigo? Não me quer falar?

CRISTINA *(estendendo-lhe a mão) -* Eu é que devia fazer-lhe essa pergunta! Já lhe falei hoje.

RODRIGO - Quando?

CRISTINA - Quando ia para a cidade, encontrei-o, disse-lhe adeus; mas o senhor não viu; estava distraído.

JULIETA - O Sr. Rodrigo anda sempre distraído. Há pouco disse-nos que tinha estado tão ocupado esta semana que não pode fazer uma só visita.

RODRIGO - É exato, D. Julieta, foi uma distração. *(Voltando-se)* Hipólito!...

CRISTINA *(perturba-se)* - Adeus!... Mamãe, vamos!...

OLÍMPIA *(erguendo-se)* - Sim; quem me acompanha até a casa?

HIPÓLITO (a RODRIGO) - Que me queres?

RODRIGO *(afastando-se com ele) -* Nada; desejava ver o efeito que produzia o teu nome!

OLÍMPIA (a RODRIGO) - Até logo! Hoje não tem desculpa. E você, Hipólito, apareça!

CRISTINA *(beijando* JULIETA) - Quer-me bem; e não sejas tão desconfiada.

JULIETA - Não; de quê?

CRISTINA - O que parece nem sempre é.

OLÍMPIA - Até amanhã, D. Antônia! Venha, Sr. Macedo.

MACEDO *(secamente) -* Volto para a cidade. Desculpe...

OLÍMPIA - Ora, dê-me o braço!. . . D. Julieta, não fique sentida comigo por causa do que... *(Vão saindo* à *exceção de* RODRIGO *e* HIPÓLITO.)

CENA XI

RODRIGO *e* HIPÓLITO

HIPÓLITO - Está dito. Ela faz tanto caso de mim, como eu da medicina.

RODRIGO - E tem muita razão.

HIPÓLITO Obrigado! É o que faltava.

RODRIGO - Ora, Hipólito, falemos francamente. Que qualidade tens tu para merecer o amor de uma mulher? Daqui a dois meses estarás formado, terás um título de doutor; isto é, mais cinco letras no nome!

HIPÓLITO - Bravo! cada vez a melhor! Na tua opinião não presto para nada.

RODRIGO - Tens sempre algum préstimo; mas é para teu alfaiate; e para aqueles que te fumam os charutos, passeiam no teu cavalo, e jantam à tua custa.

HIPÓLITO - E também para uma menina que deseja casar.

RODRIGO - Queres dizer que és rico? Mas a riqueza é o último dos títulos, e só se invoca em falta de outros. Quando se diz de um homem que - "É rico" - sabes o que isto exprime? Que tem dinheiro, mas só dinheiro. Supõe que eu me enganasse a respeito de Cristina; que ela seja uma menina de sentimento; há de escolher um moço distinto e digno dela.

HIPÓLITO - Qual! Não passa de uma namoradeira.

RODRIGO - És incompreensível. Uma menina te ama, tu dizes que é pelo teu dinheiro; ela deixa de amar-te, dizes que é namoradeira.

HIPÓLITO - Não foste tu mesmo que me fizeste ver?

RODRIGO - Mas lembra-te que ela também pode ver hoje que o moço com quem brincava quando menina, não passa de um estudante vadio, que um dia será um homem rico, e nada mais. *(Entra* JULIETA.)

CENA XII

JULIETA, PACHECO, OLIVEIRA, HIPÓLITO *e* RODRIGO

HIPÓLITO (a JULIETA) - Viste?

JULIETA - Vi tudo!

PACHECO *(entrando com* OLIVEIRA) - Aqui está ela, pode falar-lhe.

OLIVEIRA - D. Julieta!

(OLIVEIRA *e* JULIETA *descem.* PACHECO *fala com* RODRIGO. HIPÓLITO *senta-se no fundo.)*

JULIETA *(perturbada)* - Minha mãe me disse que o senhor me procurava!

OLIVEIRA - É verdade.

JULIETA - Para quê?

OLIVEIRA - Para pedir-lhe a felicidade.

JULIETA *(ainda mais perturbada)* - Que quer dizer, senhor?

OLIVEIRA - Cuidei que tivesse força para esperar, mas vejo que é impossível, o amor é mais forte do que a ambição, Julieta; e hoje só espero que marque o dia.

JULIETA - Que dia?

OLIVEIRA - Do nosso casamento.

JULIETA *(assustada olhando* RODRIGO) Falemos mais baixo!

OLIVEIRA - Por quê? Isto já não é um segredo.

JULIETA - Muitos não sabem... e eu não quero que saibam.

OLIVEIRA - Por alguns dias apenas, sábado...

JULIETA - Este?

OLIVEIRA *(sorrindo)* - Não, da outra semana.

JULIETA - Mas eu...

OLIVEIRA - Seu pai concordou e só falta o seu consentimento *(pausa.)* Quer consultar com ele? *(Volta-se.)*

JULIETA - Não! Não!

OLIVEIRA - Sr. Pacheco!

JULIETA - Não é preciso!

OLIVEIRA - Então consente?

JULIETA *(com esforço)* - Sim!

(PACHECO *aproxima-se de* OLIVEIRA; JULIETA *afasta-se;* RODRIGO *chega-se a* HIPÓLITO.)

PACHECO - Que temos?

OLIVEIRA - Está tudo combinado.

PACHECO - Bem!

OLIVEIRA - Onde está D. Antônia? *(dirige-se para a sala de jantar.* PACHECO *o acompanha; aí encontram* D. ANTÔNIA; *ao mesmo tempo* RODRIGO *dirige-se a* JULIETA.)

RODRIGO - Adeus, seja feliz.

JULIETA *(admirada e confusa)* - O senhor sabe?

RODRIGO *(sorrindo)* - Há tanto tempo! *(Aperta-lhe a mão e vai sair.)*

JULIETA - Por isso... *(senta-se abatida.)*

RODRIGO - Adeus, Hipólito!

HIPÓLITO - Adeus. *(Dirige-se a* JULIETA, *olha-a um momento)* Somos bem irmãos, não é verdade?

JULIETA - Oh! Sim... *(Cai o pano.)*

ATO QUARTO

Sala em casa de BORGES; portas envidraçadas; no fundo, o jardim; do lado esquerdo, o interior; ao lado direito janelas de peitoril com bambinelas. São seis horas da tarde.

CENA PRIMEIRA

PACHECO, BORGES, OLIVEIRA, MACEDO, GUIMARÃES, HIPÓLITO, OLÍMPIA, JULIETA, CRISTINA *e* D. ANTÔNIA

(Todos saem da sala de jantar pelas duas portas, e espalham-se pela cena; uns acendem charutos; outros chegam às janelas, ou passeiam no fundo.)

GUIMARÃES *(a* D. OLÍMPIA) - V.Ex.a pode ter um orgulho: que no Rio de Janeiro ninguém sabe melhor fazer as honras de sua casa.

OLÍMPIA - Ora, Sr. Guimarães...

GUIMARÃES - Um jantar magnífico, servido com toda a delicadeza; uma sociedade encantadora...

OLÍMPIA - Faltaram algumas pessoas... *(Voltando-se)* Hipólito!

HIPÓLITO - D. Olímpia. *(Chega-se.)*

OLÍMPIA - Seu amigo me enganou. Nunca esperei!

HIPÓLITO - Rodrigo?

OLÍMPIA - Sim.

HIPÓLITO - Admira-me com efeito!

JULIETA - Talvez receasse encontrar pessoas de quem não gosta.

CRISTINA - Ele disse-me ontem à noite que não podia assistir ao jantar; mas prometeu passar a tarde conosco.

JULIETA - Ah!... Não pode tardar então! *(Com ironia.)*

OLÍMPIA - Manda trazer café e sorvetes, Cristina.

CRISTINA - Sim, mamãe. *(Sai.)*

BORGES - Aqui têm charutos, meus senhores.

PACHECO - Isto é para os moços.

GUIMARÃES *(a* JULIETA) - Minha senhora, ainda não felicitei a V.Ex.a. Sou amigo íntimo de seu irmão e dou-me muito com o Oliveira. É uma bela pessoa...

JULIETA *(secamente)* - Obrigada. *(Volta-lhe as costas.)*

OLÍMPIA *(a* BORGES) - Borges, leva os senhores para o jardim, é mais agradável. Já mandei servir o café. D. Antônia, D. Julieta, vão... *(Vai saindo.)*

D. ANTÔNIA - E a senhora?

OLÍM PIA - Logo; tenho algumas ordens a dar.

CENA II

MACEDO *e* OLÍMPIA

MACEDO - Brilhou, D. Olímpia. Deu-nos um jantar soberbo! *(Sorrindo)* Deve ter gasto um dinheiro louco!

OLÍMPIA - Nem me fale nisto!

MACEDO - Mas não há prazeres completos!...

OLÍMPIA - Por quê?

MACEDO - Faltou sempre uma pessoa.

OLÍMPIA - Que importa? Não faltou o senhor..

MACEDO - Obrigado; não mereço tanto; isto é para aqueles a quem se fala ao ouvido, e com quem se passeia no jardim nas noites de luar.

OLÍMPIA - Não entendo! *(Entra na sala de jantar.)*

MACEDO - Ou não quer entender.

CENA III

BORGES *e* MACEDO

BORGES - O quê?

MACEDO - Falávamos do Rodrigo.

BORGES - A que propósito?

MACEDO - Acho que não faz bem em recebê-lo.

BORGES - Por que motivo?

MACEDO - Por muitos; mas o principal é aquele projeto...

BORGES - Qual?

MACEDO - O casamento de Cristina.

BORGES - Ah!...

MACEDO - Notei hoje muita frieza da parte de Hipólito, e a causa é o tal Sr. Rodrigo.

BORGES - Como?

MACEDO - Não reparou ainda na intimidade que existe entre ele e sua filha?

BORGES - Tem razão; vou falar a Olímpia.

MACEDO - Não envolva nisto o meu nome! Aviso-lhe por causa dos nossos interesses comuns. *(Sai.)*

CENA IV

BORGES *e* OLÍMPIA

BORGES *(chega-se à porta da sala de jantar e chama)* - Olímpia!

OLÍMPIA - Que queres?

BORGES - Quero prevenir-te de uma coisa.

OLÍMPIA - Depois.

BORGES - Não; é preciso que saibas já.

OLÍMPIA - O que é?

BORGES - O Rodrigo faz a corte a Cristina e...

OLÍMPIA - É falso!... Quem te disse?

BORGES - Em segredo: foi o Macedo.

OLÍMPIA *(sorrindo)* - Não creias.

BORGES - Contudo acho bom que o afastes pouco a pouco. Cristina pode vir a gostar dele e o nosso projeto fica destruído.

OLÍMPIA - Não faço isto.

BORGES - Mas, Olímpia, que te custa?

OLÍMPIA - Não sei; nem quero saber. Não posso tratar mal uma pessoa que vem à minha casa...

BORGES - E se Cristina o amar?

OLÍMPIA - Minha filha?... Não é possível!...

BORGES - É muito! E tu sabes que este casamento é toda a nossa esperança. *(Entra* RODRIGO.)

OLÍMPIA - Está bom, deixa-me.

CENA V

RODRIGO *e* OLÍMPIA

OLÍMPIA - A esta hora?

RODRIGO - Apesar de todo o meu desejo...

OLÍMPIA - Não tem desculpa.

RODRIGO - Então sujeito-me à repreensão; eu a mereço.

OLÍMPIA *(estende-lhe a mão)* - Prefiro perdoar.

RODRIGO - É a melhor vingança...

OLÍMPIA - É o melhor prazer daqueles que sofreram. Todo o jantar estive aborrecida; não sei o que me faltava.

RODRIGO *(rindo)* - Faltava-lhe um convidado.

OLÍMPIA - Só?...

RODRIGO - É sempre um desgosto perdermos uma testemunha da amabilidade com que costumamos tratar os nossos hóspedes.

OLÍMPIA - E maior desgosto ver que rejeitam uma prova de estima que desejamos dar.

RODRIGO - Como está D. Cristina?

OLÍMPIA - Boa, não a viu no jardim?

RODRIGO - Não, apenas encontrei o Sr. Macedo.

OÚMPIA - Ainda estão passeando.

RODRIGO - Vamos ter com eles?

OLÍMPIA - Tem tanta pressa assim? Por que não ficamos aqui?

RODRIGO - Como quiser.

OLÍMPIA - Se é um sacrifício, não exijo.

RODRIGO - Não; e quando fosse, fá-lo-ia com prazer.

OLÍMPIA - Duvido.

RODRIGO - Não tem razão.

OLÍMPIA - Se eu merecesse um sacrifício de sua parte, não teria vindo jantar comigo?

RODRIGO *(sorrindo)* - Não fale mais nisso, já perdoou.

OLÍMPIA - Perdoei, mas não esqueci. Ao menos diga-me o motivo.

RODRIGO - Para quê?

OLÍMPIA - Quero saber.

RODRIGO - Que interesse tem nisto?

OLÍMPIA - Pergunta?

RODRIGO - Decerto; porque ignoro. *(Pausa.)*

OLÍMPIA - Então não me diz?

RODRIGO - O quê?

OLÍMPIA - O motivo por que não veio? Diga-me que não foi por minha causa!... Sim?...

RODRIGO *(depois de olhá-la um momento)* - Pois foi justamente por sua causa.

OLÍMPIA - Eu adivinhava!

RODRIGO - Não vim ao seu jantar porque me repugna sentar-me a uma mesa onde se serve aos convidados em pratos de porcelana a reputação de uma família; porque quando o *champagne* fumegasse nos copos, julgaria que meus lábios tocando-o para beber à sua saúde, bebiam em vez de vinho as lágrimas que ele há de custar.

OLÍMPIA - Sr. Rodrigo!

RODRIGO - Sei que estas coisas não se dizem; mas a senhora deu-me o direito de falar. Passava o meu caminho tranqüilamente, sem me importar com o que via, deixando o mundo como ele é. Desde porém que me provocam, que me querem fazer representar um papel nesta comédia, é justo que eu diga: - "Não, minha senhora; não posso aceitar o papel que me destina."

OLÍMPIA - Não sei o que pretende dizer.

RODRIGO - Cuida que eu não vejo o que se passa aqui? O que era este jantar senão um jogo, no qual cada um dos convidados formava um parceiro? Um jogava ao casamento; alguns à amizade, outros ao amor; eu devia jogar ao ciúme. Era preciso excitar a paixão decadente de um velho namorado; irritar-lhe a vaidade; então deu-

se um sorriso ao primeiro que se encontrou, e prometeu-se-lhe as migalhas desse amor já dividido entre um amante e um marido.

OLÍMPIA - Para que ofender-me assim? Não é mais natural pensar que em vez de calcular, o coração dessa mulher seja arrastado por um sentimento irresistível? E se ela não sabe reprimir a sua paixão, não se lhe deve perdoar porque é fraca?

RODRIGO - Então esse amor é real?

OLÍMPIA - Se não fosse, ouviria as palavras que acaba de dizer-me?

RODRIGO - Pois bem!... Dê-me outra prova!

OLÍMPIA - Qual? Fale!

RODRIGO - Tenho receio...

OLÍMPIA - De quê? Pensa que lha recusarei?

RODRIGO - Tenho receio de ofendê-la.

OLÍMPIA *(sorrindo)* - O coração desculpa tudo.

RODRIGO - Pois bem! *(Tomando-lhe a mão)* Não me queira mal pelo que lhe vou dizer. Suponha que é um irmão que lhe fala.

OLIM PIA - Para quê? A realidade não vale a suposição?... É o senhor quem fala.

RODRIGO - Não me quer por irmão?

OLÍMPIA - Se não o amasse...

RODRIGO - E devo eu aceitar esse amor?

OLÍMPIA - Por quê?

RODRIGO - A mulher que ama realmente um homem, não o obriga a corar por sua causa, não o associa a certos atos que podem lançar uma dúvida sobre seu caráter. Não quero que alguém julgue que a afeição que recebo, é um roubo feito àquele que diz ter direito a ela; não quero que se pense que é por mim que uma senhora mantém

um luxo superior a suas posses e sacrifica seu marido com despesas loucas.

OLÍMPIA - Ah!...

RODRIGO - Bem vê que este amor só pode ser aceito por aqueles que especulam com ele. Pelo Sr. Macedo, por exemplo.

OLÍMPIA - Por piedade!... Não me fale desse homem!

RODRIGO - Ele passa por seu amante.

OLÍMPIA - Nunca o foi!

RODRIGO - Entretanto a senhora sabe o que se diz, e parece querer confirmá-lo pelas maneiras com que o trata. Quanto a ele, tem também interesse em passar pelo que não é; porque uma mulher pobre que ostenta um luxo imenso, dá uma idéia favorável da riqueza do seu amante.

OLÍMPIA - Meu Deus!... Que vergonha!...

RODRIGO - Para ele a senhora não é senão um anúncio, ou um artigo de jornal, espécie de gazetilha que elogia a sua generosidade e atesta a sua fortuna. Custa-lhe isto naturalmente o presente de alguma flor, e um pequeno empréstimo feito de vez em quando a seu marido. O resto pagam os credores iludidos. *(Quando* RODRIGO *fala em flor,* OLÍMPIA *arranca a camélia que tem nos cabelos, e esmaga-a com os dedos, deixando-a cair.)*

OLÍMPIA - Oh! Tem razão! Eu mereço o seu desprezo!

RODRIGO - Não desprezo a mulher que cometeu uma falta na sua vida, lastimo-a; e se ela quer apoiar-se ao meu braço para reerguer-se, não sou daqueles que lhe voltam as costas, e a deixam só e ao desamparo.

OLÍMPIA - Assim, se eu rejeitasse o passado, se esquecesse o que fui, podia esperar?

RODRIGO - O quê?

OLÍMPIA - Ser amada um dia?...

RODRIGO - Não sei. Eu lhe pedi uma prova: quer dar-ma?

OLÍMPIA - Sim!

RODRIGO - Quer tornar-se o que uma mulher deve ser: uma providência para sua família, um anjo da guarda que Deus deu ao homem? Faz-me este sacrifício?

OLÍMPIA - Juro pela memória de minha mãe, que o farei.

RODRIGO - Bem. Agora que tenho a sua promessa, diga-me: este sacrifício que faz de bom grado ao amor, por que não o fará a seu marido e a sua filha? Não vê que essa aparência de riqueza é uma confissão tácita da vergonha de seu esposo; porque o público sabe que o ordenado de um empregado não chega para tanto, e por conseguinte pensa, e com razão, que este dinheiro vem de uma origem imoral? Não vê que todos esses amores de salão que a senhora aceita por divertimento recaem sobre sua filha e mancham sua inocência?

OLÍMPIA - Por eles também! Eu farei tudo para apagar a lembrança dessas loucuras. Mas, eu lhe peço, não me abandone! Sinto que as suas palavras me darão forças. E se eu tivesse ao menos uma esperança que me salvasse nos momentos de dúvida!...

RODRIGO - É impossível!

OLÍMPIA - Por quê?

RODRIGO - Porque amo a outra mulher.

OLÍMPIA - A quem?

RODRIGO - É uma pergunta a que não se responde.

OLÍMPIA - Perdão! Fui indiscreta! Mas é que há pouco me disseram...

RODRIGO - O quê?

OLIM PIA - Que o senhor amava a...

RODRIGO - Diga!

OLÍMPIA - Não! Não é possível que seja ela...

RODRIGO - Ela quem?

OLÍMPIA - Cristina!

RODRIGO *(admirado)* - Disseram-lhe que eu amava Cristina?

OLÍMPIA - Sim, mas é falso, não é? Responda! Eu lhe suplico!

RODRIGO *(friamente)* - É verdade!

OLÍMPIA - Minha filha! *(Deixa-se cair sobre um sofá e enxuga* as *lágrimas.)*

RODRIGO - Eis a primeira punição da mãe que esqueceu o seu dever! *(Entra* MACEDO.)

CENA VI

Os mesmos e MACEDO

MACEDO - Oh! Sr. Rodrigo! *(Cumprimentam-se.)*

OLÍMPIA *(enxugando as lágrimas, à parte)* - Ah!

MACEDO - Que tem, D.. Olímpia?

OLÍMPIA - Nada!

MACEDO - Parece que acabou de chorar!

OLÍMPIA - Por uma coisa atoa...

MACEDO *(com ironia)* - A conversa do Sr. Rodrigo foi assim tão triste?

RODRIGO - É verdade, Sr. Macedo; não falamos de dinheiro nem de especulações.

MACEDO - Falaram de amor naturalmente... RODRIGO - Quando assim fosse... Os nossos cabelos brancos não teriam direito de rir-se das nossas palavras. *(Afasta-se.)*

MACEDO *(apanhando a camélia)* - A senhora deixou cair a sua flor, D. Olímpia?

OLÍMPIA - Não tinha reparado.

RODRIGO - Caiu decerto com o peso.

MACEDO - O senhor está brincando! O peso de uma flor!

RODRIGO - Por que não? Uma camélia pesa o que custa; e há algumas que custam tanto! *(Dirige-se para a porta.)*

MACEDO - Não quer deitá-la outra vez?

OLÍMPIA *(recebendo* a *flor)* - Sim; esta flor agora é uma recordação para mim!

MACEDO - Obrigado!

OLÍMPIA (a RODRIGO, *suplicante)* - Espere!... (RODRIGO *volta.)* Sr. Macedo, meu marido deseja falar-lhe.

MACEDO - Como? Se agora mesmo estive com ele!

OLÍMPIA - É que talvez esquecesse o que lhe pedi; mas vou lembrar-lhe.

MACEDO - De que se trata? Não posso saber já? Economizaremos o tempo.

OLÍMPIA - Eu lhe digo. Hoje, Borges falando a seu respeito, contou-me os obséquios que o senhor lhe tem feito, emprestando-lhe algum dinheiro por várias vezes...

MACEDO - Ora, uma ninharia!

OLÍMPIA - Não importa! É sempre um incomodo e eu não desejo incomodar ninguém; muito menos a uma pessoa a quem devemos já muitos favores, e que nos trata com tanta amizade.

MACEDO - Deixemos isto, D. Olímpia. Quando estivermos sós...

OLÍMPIA - Por quê? O Sr. Rodrigo pode ouvir-nos; não me envergonho de confessar os obséquios que recebo...

MACEDO - Não vale a pena falar disso agora. Eu me entenderei com o Borges.

OLÍMPIA - Sim, é mesmo o que eu desejo. Pedi a meu marido para que combinasse com o senhor a maneira de pagarmos estas dívidas que me contrariam; amanhã...

MACEDO - Mas não tem pressa, D. Olímpia.

OLÍMPIA - Eu é que tenho pressa de poder recebê-lo em minha casa como um amigo e não como um credor.

MACEDO - A senhora vexa-me realmente com isto.

OLÍMPIA *(dirigindo-se a* RODRIGO *que está do lado oposto, a meia voz)* - Está satisfeito?

RODRIGO - Sim; mas como pode pagar essas dívidas? *(Entra* OLIVEIRA.)

OLÍMPIA - Tenho as minhas jóias. *(Afasta-se.)*

MACEDO - Porém, D. OLÍMPIA, não posso consentir!

OLÍMPIA - É escusado, Sr. Macedo: as senhoras têm caprichos que se devem respeitar. *(A* RODRIGO) Dê-me o seu braço, Sr. Rodrigo; vamos ver Cristina. *(Saem.)*

CENA VII

OLIVEIRA *e* MACEDO

OLIVEIRA - Que história é esta?

MACEDO - Um fenômeno mercantil! Um devedor que quer pagar à força!

OLIVEIRA - Ah! Ah! Ah! *(Rindo-se)* Mas então dissolveu-se a firma social e procede-se à liquidação!

MACEDO - Pois não! Manha de corretor que quer fazer subir as suas ações! Mas perde o seu tempo. *(Senta-se.)*

OLIVEIRA - Por falar em ações: sabe que de ontem para cá tenho refletido?

MACEDO - Fez mal. Atualmente não se reflete, calcula-se.

OLIVEIRA - Quero dizer que pensei...

MACEDO - Pior! O pensamento é um inimigo do progresso e da felicidade humana. Se um homem pensasse antes de entrar num vapor, lembrava-se da caldeira e não embarcava, se pensasse nos desastres dos caminhos de ferro, não viajaria senão a pé; se pensasse nos prejuízos, não comprometia seus capitais em transações. Todo homem que pensa é estúpido; porque não há estupidez maior do que ser pobre, podendo ficar rico em um momento.

OLIVEIRA - Concordo; não se deve hesitar no momento de empreender; mas não é possível deixar de refletir sobre os seus atos; e então nesses momentos vem uma dúvida... Se aquilo que praticamos é bom...

MACEDO - Ora! Já lhe expliquei antes de ontem o nosso plano; e o senhor entusiasmou-se. Vendemos vinte mil ações a três meses de prazo, por trinta mil-réis; inundamos a praça. Elas baixam necessariamente; compramos a cinco mil-réis. Ganhamos quinhentos contos de pancada.

OLIVEIRA - O cálculo dos dividendos também era magnífico; porém lá se foram as letras do Pacheco no valor de setenta contos; e não sei como as havemos de pagar.

MACEDO - Não se inquiete; antes disso teremos recursos. O seu casamento está espalhado e em vésperas de fazer-se; o Pacheco considera-o já como marido de sua filha e não consentirá que o genro sofra uma vergonha.

OLIVEIRA - Seu genro, sim! Mas quererá ele que sua filha case com um homem quase falido?

MACEDO - Que remédio? Antes isso do que fazer a desgraça de Julieta!

OLIVEIRA - Contudo não sei o que me parece isto! Iludir esta menina; enganar esse velho! A nossa honra, Sr. Macedo.

MACEDO A honra do negociante é pagar com pontualidade! Não conheço outra.

OLIVEIRA - Sim; mas essas especulações não são uma espécie de jogo?

MACEDO - E o que é a vida senão um jogo? que fazemos nós neste mundo? Levamos todo o tempo a baralhar as cartas e a jogar com a fortuna; às vezes ganhamos a parada e ficamos ricos; outras perdemos e fazemos bancarrota. O casamento é um jogo em que o homem aposta a sua liberdade contra um dote; o amor e um jogo em que o homem aposta seu tempo contra algumas horas de prazer. Quanto à honra é um verdadeiro *lansquenet;* há parceiros que pagam toda a noite, à espera do chorrilho.

OLIVEIRA - Nem todos consideram assim; e para alguns o que fazemos e...

MACEDO - O quê?

OLIVEIRA - Uma imoralidade.

MACEDO - Imoralidade!...*[immoralidade]* Palavra muito grande que nada exprime. Tire-lhe duas letras e muda-lhe o sentido.

OLIVEIRA - Que tem isso?

MACEDO - Então, pensa que um homem que calcula as mais vastas operações, importa-se com duas letras? Se ao menos fossem duas cifras!...

OLIVEIRA - O senhor não quer tomar ao sério as minhas palavras? Pois confesso-lhe uma coisa. Ontem, quando vi Julieta hesitar em marcar o dia do nosso casamento, conheci que a amava. Pensei que era unicamente esse sonho de ser rico que me atraía; mas não! Gosto dessa menina! E tenho medo de perder a sua afeição, praticando uma ação má.

MACEDO - Tem um bom meio de não praticar ações más.

OLIVEIRA - Qual?

MACEDO - Venda as más e compre boas.

OLIVEIRA - Ah! quer divertir-se?...

MACEDO - Ora, que lhe hei de responder? Há seis meses que nos associamos; durante este tempo, o senhor que apenas tinha de seu uma boa porção de dívidas, gastou como um barão. Para as dançarinas de teatro, e as belezas da noite, realizou o ideal do amor sob a forma de uma pulseira de brilhantes. As moças solteiras o querem para marido, e as casadas para amigo dos maridos. Dá jantares; oferece camarotes da segunda ordem; faz presentes; tem carros; cavalos do Cabo; todos lhe querem vender, e ninguém lhe pede dinheiro. Não está contente; julga que por perdermos cento e tantos contos vamos pela água abaixo? Pois bem; o dito por não dito!

OLIVEIRA - Não, Sr. Macedo; não me arrependo do que fiz. Queira desculpar se o ofendi; mas bem vê que às vezes sem querer se pensa de um modo diferente...

MACEDO - O senhor ainda está muito moço. Quando conhecer o mundo, verá que todos nós não somos senão algarismos, e por conseguinte devemos tratar de ir somando e multiplicando os outros, antes que eles nos façam o mesmo. *(Entra* JULIETA *apressadamente e senta-se no sofá.)* Por exemplo! *(Ri-se. Entra* CRISTINA.)

CENA VIII

Os mesmos, JULIETA *e* CRISTINA

OLIVEIRA - Sr. Macedo...

CRISTINA (a JULIETA) - Que tens, Julieta?

JULIETA - Nada! Deixa-me!

OLIVEIRA (a JULIETA) - Está incomodada?

JULIETA *(secamente)* - Não, senhor!

OLIVEIRA - Pensei; fugiu do jardim..

JULIETA - Gosto de estar só.

MACEDO (a CRISTINA) - É significativo!.. *(Sai.)*

OLIVEIRA - Não quero então contrariá-la. *(Sai.)*

CENA IX

CRISTINA *e* JULIETA

CRISTINA - Por que nos deixaste?

JULIETA - Porque... não quis ver...

CRISTINA - Ver o quê?

JULIETA - Não sei.

CRISTINA - Não me queres contar...

JULIETA - E tu me contaste o que te pedi outro dia?

CRISTINA - Mas que interesse tinhas nisso?

JULIETA - O que foi?

CRISTINA - Não me lembro já.

JULIETA - Pois eu sei tudo!

CRISTINA - Ele te contou? *(com vivacidade.)*

JULIETA - Eu adivinhei.

CRISTINA - É impossível!

JULIETA - Não procures ocultar, Cristina! Eu tenho olhos... Tu gostas dele..

CRISTINA - Eu! Eu gosto do Sr. Rodrigo!

JULIETA - Sim; e ele gosta de ti.

CRISTINA - Que idéia! Dou-te minha palavra...

JULIETA - Não creio.

CRISTINA - Eu minto, Julieta!

JULIETA - Não dizes o que sentes.

CRISTINA - Mas não sou fingida.

JULIETA - Só te acredito com uma condição.

CRISTINA - Qual?

JULIETA - Conta o que ele te disse naquela noite em minha casa a primeira vez que conversou contigo.

CRISTINA - Não disse nada.

JULIETA - Contas ou não?

CRISTINA - Não posso!...

JULIETA - Adeus!... *(Volta-se e dá com* RODRIGO) Ah!... *(Chega-se de novo a* CRISTINA) Ele te procura.

CRISTINA *(baixo)* - E por que não a ti?

JULIETA - Por quê?... Tu sabes! *(sai rapidamente.)*

CENA X

RODRIGO *e* CRISTINA

RODRIGO - Sabe, D. Cristina, vou deixar de vir a sua casa.

CRISTINA - Que motivo tem para isso?

RODRIGO - Hipólito pensa que eu sou a causa de sua mudança.

CRISTINA - E pensa a verdade.

RODRIGO - Mas ele não pensa a razão, julga que a senhora gosta de mim.

CRISTINA - Ele também?

RODRIGO - Ah! Alguém já lhe disse o mesmo.

CRISTINA - Há um momento.

RODRIGO - Julieta!... Ela estima o irmão, deve dizê-lo.

CRISTINA - É por outra razão ainda.

RODRIGO - Hipólito me acusa. Ele ignora que as nossas conversas são sempre a seu respeito; que falamos dele.

CRISTINA - E deve ignorar; o senhor deu-me a sua palavra!

RODRIGO - Tenho-a cumprido. Mas agora prefiro retirar-me, essas suspeitas injustas me incomodam.

CRISTINA - E fazem sofrer os outros.

RODRIGO - A Hipólito...

CRISTINA - E a ela, também, a Julieta...

RODRIGO - Sim, por causa dele.

CRISTINA - Por causa do senhor.

RODRIGO - Não a compreendo. *(Entram* D. OLÍMPIA *e* D. ANTÔNIA.)

CRISTINA - Tem razão. A nossa amizade não deve perturbar o sossego daqueles que amam. *(Entra* JULIETA.)

CENA XI

Os mesmos, D. ANTÔNIA, OLÍMPIA, HIPÓLITO, PACHECO *e* JULIETA

(OLÍMPIA *entra com* D. ANTÔNIA, *deixa-as na sala e vai à varanda de jantar.* CRISTINA *sobe a encontrar-se com* D. ANTÔNIA, JULIETA *senta-se.* HIPÓLITO *entra e desce para falar com* RODRIGO. PACHECO *aparece depois e desce à cena.)*

OLÍMPIA *(a* D. ANTÔNIA) - Espere um momento, D. Antônia. *(Entra na sala de jantar.)*

CRISTINA *(a* D. ANTÔNIA) - Já quer ir? Tão cedo!

D. ANTÔNIA - Julieta não está bem, e D. Olímpia também parece-me incomodada. *(Entra* HIPÓLITO.)

CRISTINA - Mamãe?... Não me disse nada!...

D. ANTÔNIA - Talvez seja fadiga simplesmente.

HIPÓLITO *(a* RODRIGO) - Conta-me a tua nova conquista!

RODRIGO - Deves saber melhor do que eu.

HIPÓLITO - Não queiras fazer-te de inocente! Já me disseram...

RODRIGO - O quê?

HIPÓLITO - D. Olímpia está loucamente apaixonada por ti, no jantar todos notaram o efeito da tua ausência; e agora o Macedo acabou de comentar o negócio. Ela chorou! Parece que temos um amor tragicômico!

RODRIGO - Não zombes nunca da afeição de uma mulher, Hipólito: tudo que vem do coração é sempre bom.

HIPÓLITO - Por exemplo, o amor de uma mulher casada! *(Entra* PACHECO.)

RODRIGO - Sim: porque o amor é a razão da mulher.

HIPÓLITO - Não te entendo.

RODRIGO - Algum dia entenderás. *(Passando* à *direita)* Sr. Pacheco!

PACHECO - Ainda hoje não tivemos tempo de conversar.

RODRIGO - É verdade; mas sempre podemos trocar uma palavra. Ainda deseja a ocasião que lhe prometi?

PACHECO - Decerto; estou à espera.

RODRIGO - Pois não é mais preciso esperar: já achamos.

PACHECO - Muito bem!

RODRIGO - Está aqui mesmo.

PACHECO - Oh! admira-me...

RODRIGO - O Borges acha-se endividado; o seu ordenado está hipotecado em casas de desconto que lhe tomam um juro de 36% ao ano.

PACHECO - Apre! É de esfolar!

RODRIGO - Se o senhor o libertasse desse ônus mediante um prêmio razoável, podia dentro em pouco tempo ser reembolsado do seu dinheiro, recebendo metade do ordenado.

PACHECO - Mas por que endividou-se ele desta maneira?

RODRIGO - Porque o senhor e outros entendem que não devem emprestar o seu dinheiro senão aos ricos que não têm necessidade dele. Borges foi obrigado a dirigir-se a um usurário, descontou o ordenado de um mês; dado o primeiro passo, os outros não custam. Hoje, estou certo que ele deve mais de prêmios do que de principal.

PACHECO - Bem; não vejo no que o senhor me propõe senão uma objeção.

RODRIGO - Qual?

PACHECO - Se o Borges morrer antes de pagar?

RODRIGO - E se o senhor morrer antes de emprestar?

PACHECO - Deixarei a meus filhos.

RODRIGO - Que de bom grado dariam essa parcela de sua fortuna para honrar o nome de seu pai com uma bela ação.

PACHECO - Tem razão, Sr. Rodrigo.

RODRIGO - Em todo o caso, Sr. Pacheco, eu garanto a dívida.

PACHECO - Não é preciso; conte comigo. *(Entram* BORGES e MACEDO.)

RODRIGO - Lembre-se, porém, que um amigo não empresta dinheiro unicamente; dá a sua experiência e os seus conselhos. *(Entram* OLIVEIRA *e* GUIMARÃES.)

PACHECO - Percebo.

CENA XII

Os mesmos, MACEDO, OLIVEIRA, BORGES, GUIMARÃES

(D. OLÍMPIA *volta-se e senta-se no sofá;* BORGES *e* MACEDO *vão-se aproximando;* OLIVEIRA *e* GUIMARÀES *vêm sentar-se;* OLIVEIRA *conversa com* JULIETA.)

D. ANTÔNIA - Vamos, Pacheco.

PACHECO - Quando quiseres.

OLÍMPIA - Ora, Sr. Pacheco, há pouco na mesa estavam todos curiosos por saber o motivo deste jantar.

PACHECO - É verdade.

GUIMARÀES - Eu ainda sustento que é um aniversário.

HIPÓLITO - Eu creio que foi uma demonstração especial dada a alguém. Que diz, Sr. Macedo?

MACEDO - Para mim, foi um projeto.

GUIMARÃES - Como?

MACEDO - Quero dizer uma ocasião.

D. ANTÔNIA - Tem razão, Sr. Macedo; não é preciso um motivo para dar um jantar; D. Olímpia quis reunir os seus amigos...

OLÍMPIA - Mas houve realmente um motivo, D. Antônia; não foi, é verdade, nem um dos que esses senhores pensam.

GUIMARÃES - Qual foi então?

OLÍMPIA - Uma despedida.

D. ANTÔNIA - Que quer dizer?

OLÍMPIA - Vou deixar S. Clemente; volto para S. Domingos, e depois creio que tomarei uma casa no Engenho Velho!

BORGES - Não me tinhas dito nada!

CRISTINA - Nem a mim!

OLÍMPIA - É que não te lembras.

OLIVEIRA - Ao menos há de assistir ao meu casamento! Julieta lho pede!

D. ANTÔNIA - Mas por que nos deixa assim?

OLÍMPIA - Sinto-me doente; quero viver tranqüila.

D. ANTÔNIA - Que mais tranqüilidade do que se tem aqui... longe da cidade?

OLÍMPIA - Há ainda outra razão.

HIPÓLITO - Qual?

RODRIGO *(baixo a* OLÍMPIA) - Quer afastar-me de Cristina?

OLÍMPIA *(baixo a* RODRIGO) - Quando assim fosse não me perdoava? Mas enganou-se! Custa a dizer...

MACEDO - Essa outra razão, D. Olímpia?

OLÍMPIA - Ah! O senhor deseja saber?

MACEDO - Se não é indiscrição.

OLÍMPIA - Não. O bairro de S. Clemente é muito aristocrático, e não serve para mim que sou pobre; quem mora aqui precisa gastar muito!

MACEDO *(admirado)* - Assim é por economia que se muda?

OLÍMPIA - Sim, senhor; meu marido é apenas um empregado.

D. ANTÔNIA - Mas, D. Olímpia, cada um vive como pode.

PACHECO - E demais a carestia é geral, não se pode viver hoje no Rio de Janeiro: tudo está por um preço...

GUIMARÃES - Também por isso faz-se fortuna com uma rapidez espantosa.

OLIVEIRA - Quando se tem habilidade e não se quer vegetar num emprego mesquinho!

GUIMARÃES - Justamente. Conheço moços que há pouco tempo eram mais pobres do que eu; e que hoje estão ricos e numa bela posição.

RODRIGO *(erguendo-se)* - E o senhor não sabe como se faz a maior parte dessas fortunas?

GUIMARÃES - Negociando.

RODRIGO - Não; é doutra maneira. Muitos dos nossos moços são atacados aos vinte e cinco anos pela febre do dinheiro, que se tem tornado endêmica no Rio de Janeiro. Alguns escapam da moléstia; outros, porém, querem ser ricos à força, e sem trabalho. Enquanto ela não chega o aspirante a moço rico vai à casa do seu alfaiate e veste-se à última moda. O alfaiate é o ente mais perigoso da sociedade.

HIPÓLITO - Não sabia. Por quê?

RODRIGO - Porque com a sua tesoura e um pedaço de pano, nivela todos os indivíduos, e faz que o homem de bem se confunda com o especulador. Vestido no grande tom, o moço rico (de esperanças) toma um par de luvas, alguns charutos de Havana, uma bengalinha e vai ao cabeleireiro. Tudo isto custa dinheiro, mas quem é que desconfia de um moço elegantemente vestido que diz com um certo ar de milionário: - "Assente na minha conta"? - Penteado, frisado, passa na cocheira, aluga um carro, e vai jantar no hotel. Em que hotel janta, Sr. Guimarães?

GUIMARÃES - É a mim que pergunta?

RODRIGO *(sorrindo)* - Naturalmente para saber o hotel mais freqüentado. Porém, não importa. Qualquer serve... Os pobres como eu, vendo-o entrar, perguntam - "Quem é"? - "Um moço rico!" responde o criado pensando na gorjeta. Daí a pouco o sujeito levanta-se, acende o charuto e deixa cair dos lábios a palavra mágica: "Assente na conta..."

PACHECO - E o dono do hotel o que faz?

RODRIGO - O dono do hotel fica satisfeitíssimo, porque adquire um freguês constante; os outros aspirantes à riqueza que se acham ali, na esperança de um dia jantarem à custa do homem, fazem dele os maiores elogios. Não os tens ouvido algumas vezes, Hipólito?

HIPÓLITO - E tenho-os pago também!

RODRIGO - Isto dura um certo tempo. Por fim um pai de família que deseja casar a filha, ouve falar do moço rico, recebe-o em casa apresentado por um amigo. As moças que se parecem com as mariposas iludem-se com o brilho; faz-se o casamento no meio de satisfação geral; e o que era uma mentira, torna-se uma realidade. O sujeito está rico, o pai feliz, a família contente. Apenas às vezes sucede um pequeno incidente em que ninguém repara.

CRISTINA - Qual?

RODRIGO *(sorrindo)* - A mariposa queima as asas!

JULIETA - Ah!

RODRIGO - Eis como se faz fortuna rapidamente, Sr. Guimarães, sem trabalho, nem privações; alguns não passam dessa riqueza de contas e acabam por viver à custa dos amigos. Aqueles, porém, que têm habilidade e não querem vegetar no trabalho, conseguem o seu fim, não é verdade, Sr. Macedo? Não conhece alguns. moços que enriqueceram desta maneira e devem sua fortuna à tesoura de seu alfaiate?. *.. (Vai tomar o chapéu.)*

MACEDO - Nunca indago de ninguém a razão por que tem fortuna, Sr. Rodrigo; a riqueza é uma coisa que se prova por si mesma

RODRIGO - E às vezes pelo dinheiro dos outros. *(Cumprimenta.)* Meus senhores... *(Aperta a mão a* D. OLÍMPIA.)

OLÍMPIA - Vá nos ver algumas vezes em S. Domingos, sim?

RODRIGO - Eu lhe prometo.

OLÍMPIA - Obrigada. (RODRIGO *sai.)*

PACHECO -- Sr. Borges.

BORGES - Que deseja?

PACHECO - Se não lhe é incômodo, vamos passeando até a casa; temos que lhe falar.

BORGES - Com muito gosto; deixe-me tomar o chapéu. *(Os homens vão descendo a cena e grupam-se no fundo;* CRISTINA e JULIETA *chegam-se uma para a outra;* D. ANTÔNIA *aproxima-se de* OLÍMPIA.)

D. ANTÔNIA - É sério? Sempre nos deixa?....

OLÍMPIA - Pois duvidava?

D. ANTÔNIA - Julguei que estava brincando. Não vá sem dizer-me adeus.

OLÍMPIA - Não sei se terei tempo. Desejo ir amanhã.

D. ANTÔNIA - Amanhã? Que pressa é essa? Uma mudança repentina!...

OLÍMPIA - A casa em S. Domingos está preparada; não me causa o menor desarranjo.

D. ANTÔNIA - Demore-se alguns dias.

OLÍMPIA - Não posso.

D. ANTÔNIA - Ao menos quando passar lembre-se de se despedir de mim.

OLÍMPIA - Sim; entrarei um momento... *(Vão saindo.)*

JULIETA *(de repente)* - Tu vais me deixar, Cristina?

CRISTINA - Que remédio?

JULIETA - Oh! Tu não sentes!

CRISTINA - E tu?

D. ANTÔNIA *(na porta)* - Vem, Julieta!

JULIETA - Sim, mamãe! *(A* CRISTINA) Adeus!

CRISTINA - Adeus!

JULIETA *(sai e volta)* - Não; não posso... Apesar de tudo! Não *é* tua culpa!... Deixa-me abraçar-te! *(Abraçam-se.)*

CRISTINA - Julieta! Se eu pudesse dizer-te!

JULIETA - Não quero! (HIPÓLITO *tem-se chegado.)*

HIPÓLITO - As amigas custam a separar-se!

CRISTINA - As amigas só?... *(Afasta-se.)*

HIPÓLITO *(dá dois passos para ela, depois volta a* JULIETA) Aperta-lhe a mão por mim! *(Afasta-se.)*

D. ANTÔNIA - Vamos, minha filha!

JULIETA - Adeus! (CRISTINA *corre a ela; tomando-lhe o rosto nas mãos,* JULIETA *beija-a na fronte)* Por mim! *(Beija-a outra vez)* Por... ele!...

CRISTINA - Ah!... *(Beija-a na face.)*

(JULIETA *sai correndo.* CRISTINA *a acompanha.* OLÍMPIA *cumprimenta na porta e desce. Vê-se na porta as pessoas que se despedem.* BORGES *vem do interior de chapéu na cabeça e sai fazendo um gesto a* OLÍMPIA.)

BORGES - Até já.

CENA XIII

OLÍMPIA *e* CRISTINA

(OLÍMPIA *senta-se no sofá.* CRISTINA *entra do jardim, chega à janela, faz um gesto de adeus a* JULIETA, *e chega-se à mãe.)*

CRISTINA - Sente alguma coisa, mamãe?

OLÍMPIA *(sobressaltada)* - Não é nada, não te inquietes. Isto passa.

CRISTINA - Vá se deitar.

OLÍMPIA Sim; já vou.

CRISTINA - Boa noite! *(Beija-lhe a mão.)*

OLÍMPIA - Escuta! Tu me queres bem, Cristina?

CRISTINA - Que pergunta, mamãe!

OLÍMPIA - Tu te admiras. *(Com fogo)* É preciso que tu ames muito a tua mãe, para que ela tenha a coragem de fazer o sacrifício...

CRISTINA - Que sacrifício?

OLI'MPIA - Eu disse sacrifício... sim... sim... Vamos deixar de ir a divertimentos porque somos pobres. E tu hás de sentir... Vais te separar de tua amiga, de Julieta...

CRISTINA - Eu sinto, porém mamãe quer...

OLÍMPIA Ele quer! *(Com expressão.)*

CRISTINA - Ele quem?

OLÍMPIA *(confusa)* - Ele... ele... O dever, minha filha!... Boa noite! *(Beija-a.)*

CRISTINA - Se tiver alguma coisa me mande chamar, sim?

OLÍMPIA - Vai descansada. Sinto-me melhor! Até amanhã.

(CRISTINA *sai.* OLÍMPIA *segue-a com os olhos e ergue as mãos como fazendo uma prece.)*

ATO QUINTO

Sala de visitas na casa de PACHECO em S. Clemente. É meio-dia.

CENA PRIMEIRA

HIPÓLITO *e* JULIETA

(O pardinho abre a porta da entrada à direita; HIPÓLITO *aparece.)*

HIPÓLITO - Toma; dá este dinheiro ao cocheiro e traz os livros que estão no tílburi. *(O pardinho sai.)*

JULIETA *(entrando)* - Chegaste da cidade?

HIPÓLITO - Agora mesmo.

JULIETA - Tiveste notícias de S. Domingos?

HIPÓLITO - Não; não encontrei o Borges.

JULIETA - Ele veio cá ontem falar com meu pai. Eu escrevi a Cristina.

HIPÓLITO - E ela te respondeu?

JULIETA - Ainda não. Pedi-lhe que viesse passar um dia comigo: há mais de dois meses que não nos vemos. *(Senta-se.)*

HIPÓLITO - Depois de nos vermos todos os dias.... *(O pardinho entra com um maço de livros.)* Deita lá no quarto.

JULIETA - Quanto livro!

HIPÓLITO - Não é nem metade dos que comprei.

JULIETA - E pretendes lê-los todos?

HIPÓLITO *(com gravidade)* - Quero estudar, Julieta. *(Senta-se.)*

JULIETA *(sorrindo)* - Agora, depois de formado.

HIPÓLITO - Sim; não sei nada de medicina, perdi o meu tempo, mas hei de aproveitá-lo melhor. Rodrigo tem razão; o homem que não se distingue senão pelo dinheiro é um animal bem ridículo. Vou trabalhar para que um dia se esqueçam que o pai é rico e se lembrem que o filho é um médico.

JULIETA - Fazes muito bem, Hipólito!

HIPÓLITO - Então talvez consiga criar um nome para oferecer a Cristina. Se ela aceitar, serei feliz; senão, fico celibatário, vou morar contigo, e passarei a minha vida a estudar e a ensinar teus filhos que me chamarão titio e me pedirão de vez em quando dinheiro para comprar balas!

JULIETA - Tens visto o Rodrigo?

HIPÓLITO - Ainda ontem.

JULIETA - Ele não é teu amigo.

HIPÓLITO - Por quê?

JULIETA - Nunca vem te ver!

HIPÓLITO - É verdade! Não sabes o motivo?

JULIETA - Não; tu sabes?

HIPÓLITO - Desconfio...

JULIETA - Qual é?

HIPÓLITO - Ele tem medo de ti.

JULIETA - De mim! *(Ergue-se.)*

HIPÓLITO *(sorrindo)* - Tem medo de apaixonar-se por ti.

JULIETA *(confusa)* - Que lembrança!

HIPÓLITO - O caso é que ele nos estima a todos, e especialmente a ti; interessa-se pela tua felicidade, e entretanto foge de nossa casa.

JULIETA - Interessa-se pela minha felicidade!

HIPÓLITO - Sim; ainda ontem perguntou-me se já tinhas casado, se estavas satisfeita. .

JULIETA - E tu que lhe respondeste?...

HIPÓLITO - Que o teu casamento é pior do que um projeto de reforma; que antes de entrar em discussão é adiado. Nem sei mesmo quando se deve fazer. Já decidiram?

JULIETA *(triste)* - Este sábado...

HIPÓLITO - Daqui a quatro dias?

JULIETA - Sim; mas creio que ainda não será.

HIPÓLITO - Por quê? O Oliveira terá alguma nova razão para demorar?

JULIETA - Não sei! O coração me diz... Mas tu pensas então que Rodrigo não vem à nossa casa...?

HIPÓLITO - Porque te respeita; sabe que tu estás para casar, e não quer ofender-te mostrando gostar de ti... Não te lembras que a última vez que aqui esteve foi quando o Oliveira fixou o dia?

JULIETA - Porém é impossível o que tu dizes! Já te esqueceste que Cristina o ama, e ele...

HIPÓLITO - Não repitas isto, Julieta, eu te peço! Fazes que duvide de um amigo! E é triste! *(Ergue-se.)*

JULIETA - Desculpa! Não és tu só que sofres!

HIPÓLITO - Bem sei! Mas cada vez que falas nisto, sem querer, me causas um desgosto... Não está em mim! *(Vai sair.)*

JULIETA - Vem cá, ouve!

(HIPÓLITO *sai;* JULIETA *vai até a porta do fundo seguindo-o, volta e sai à esquerda.)*

CENA II

PACHECO e RODRIGO

(A cena fica um momento deserta; ouve-se bater palmas. O pardinho abre a porta.)

RODRIGO - O senhor Pacheco. *(O pardinho sai à primeira porta à esquerda;* RODRIGO *deita o chapéu numa cadeira e senta-se.)*

PACHECO *(aparecendo)* - Estimo muito a sua visita. Andava mesmo com desejo de falar-lhe; mas o senhor já não aparece...

RODRIGO - Encontramo-nos quase sempre na Praça.

PACHECO - De passagem... E há dias nem isto; porque não fui à cidade; ando adoentado.

RODRIGO - Assim me disseram no seu escritório onde o procurei esta manhã; não o encontrando resolvi-me chegar até aqui.

PACHECO - Vejamos; de que se trata?

RODRIGO - Ontem venceu-se o primeiro pagamento do Borges; e há de estar lembrado que eu garanti a dívida.

PACHECO - Mas eu não aceitei a sua palavra, meu amigo; não era necessária.

RODRIGO - Contudo não quero que sofra um prejuízo por minha causa. Se o Borges não cumpriu a sua promessa, eu cumprirei o meu dever.

PACHECO - Fique descansado por esse lado. Ontem mesmo o Borges levou ao escritório metade do seu ordenado; por sinal que o Guimarães, o seu recomendado, que não sabia desse negócio particular, veio ter comigo para lhe explicar como devia fazer entrada desse dinheiro em caixa.

RODRIGO - Estimo muito; por ele, pelo senhor e por mim. Estou tranqüilo a respeito do passo que lhe fiz dar.

PACHECO - E do qual não me arrependo. O Borges achava-se realmente numa posição tristíssima. Dívidas de duzentos mil-réis já estavam em um conto e mais por causa dos juros capitalizados.

RODRIGO - Agora, graças ao benefício que lhe fez, poderá pagá-las dentro de pouco tempo. Quanto ao Guimarães, como vai ele?

PACHECO - Bem; tem habilidade e gosta do trabalho. Às vezes ainda se lembra da vida antiga; mas passa-lhe logo.

RODRIGO - É natural; não se perdem de repente hábitos adquiridos durante alguns anos. Esse moço tinha uma vida inteiramente ociosa; vivia pelos hotéis e pelas lojas a palestrar e a endividar-se; já é uma grande vitória tê-lo acostumado ao trabalho.

PACHECO - Decerto; e creio que há de vir a ser um homem de bem.

RODRIGO - E um homem útil ao seu país. Mas o senhor também deseja falar-me?...

PACHECO - É verdade. Queria consultá-lo sobre uma negociação. O senhor neste objeto de crédito é entendido.

RODRIGO - Ah! É uma negociação de crédito?

PACHECO - Admira-se?

RODRIGO - Não; um homem como o senhor não podia deixar mais cedo ou mais tarde de reconhecer as vantagens dessa instituição.

PACHECO - Com efeito reconheço, e a prova é que vou pô-la em prática. Venha: quero explicar-lhe o meu plano. Entre. *(Dirige-se à porta do gabinete.)*

(PACHECO *entra no gabinete;* RODRIGO *vai acompanhá-lo, quando* JULIETA *aparece no fundo; cumprimentam-se;* RODRIGO *entra.)*

CENA III

JULIETA *e* D. ANTÔNIA

D. ANTÔNIA *(entrando)* - Um bilhete de Cristina. JULIETA *(erguendo-se)* - Quem trouxe?

D. ANTÔNIA - O preto que veio da cidade; deixaram no escritório.

JULIETA *(acabando de ler)* - Ah! Ela vem hoje passar o dia conosco.

D. ANTÔNIA - Que milagre!

JULIETA - É meio-dia; não pode tardar.

D. ANTÔNIA - Quem sabe se virão?

JULIETA - Ela diz que vem na barca das dez horas e meia. Veja! *(Dá a carta a* D. ANTÔNIA.) Depois que foram para S. Domingos, não têm saído; estão sempre em casa...

D. ANTÔNIA - Quem diria! D. Olímpia que antes não perdia bailes, nem teatros; que só queria divertir-se; morar agora fora da corte! Não posso compreender!

JULIETA - Esta vida também aborrece, minha mãe; mais vale viver tranqüila no seu canto.

D. ANTÔNIA - Eu não a censuro; ao contrário, acho que fez muito bem. Devia gastar muito para sustentar aquele luxo. *(Ouve-se rumor de um carro.)*

JULIETA *(correndo à janela)* - Um carro!... Não! É um ônibus. *(Olha um momento.)* Serão elas?

D. ANTÔNIA - Não é possível! D. Olímpia que zombava de quem andava de ônibus!

JULIETA *(correndo à porta)* - São elas mesmas! (JULIETA *abre a porta; entram* CRISTINA e OLÍMPIA. *As duas meninas abraçam-se; as duas senhoras apertam as mãos.* BORGES *entra com uma pequena caixa.)*

CENA IV

As mesmas, CRISTINA, OLÍMPIA e BORGES

JULIETA *(abraçando* CRISTINA) - Cuidei que não me querias mais ver.

OLÍMPIA - Ainda não se esqueceram de mim?

BORGES - D. Antônia, como está?

D. ANTÔNIA - Boa, obrigada. *(A* OLÍMPIA) Bem vontade tive de ir vê-la; mas Pacheco tem andado doente; e depois é tão longe...

OLÍMPIA - Não era preciso tomar este incômodo, D. Antônia. Não é isto que prova a amizade; já lhe devemos tanto...

D. ANTÔNIA - A mim nada. Mas diga-me uma coisa: como é que se muda assim de repente? Ninguém dirá que a senhora é a D. Olímpia de outrora!

OLÍMPIA - Que quer, D. Antônia? É sempre tempo de corrigir uma falta. Eu não sabia que era pobre!

D. ANTÔNIA - Ah! Desculpe! Não julgava que era esse o motivo; senão... não era capaz...

OLÍMPIA - Não lhe confessei quando fui para S. Domingos?

D. ANTÔNIA - Julguei que era um pretexto...

BORGES - Mas seu marido não lhe disse ainda...

D. ANTÔNIA - Não me disse nada.

OLÍMPIA - O Sr. Pacheco foi delicado.

D. ANTÔNIA - Mas em quê?

OLÍMPIA - Eu lhe contarei tudo.

D. ANTÔNIA - Venham cá para dentro.

JULIETA - Nós já vamos, minha mãe.

D. ANTÔNIA *(a* BORGES) - Pacheco está aí no gabinete *(aponta para a primeira porta à esquerda.)* Se quer vá ter com ele, Sr. Borges. *(Sai com* OLÍMPIA.)

BORGES - Sim, minha senhora. *(A* CRISTINA) Cristina, a caixa está aqui sobre esta cadeira.

CRISTINA - Já vi, papai. (BORGES *entra no gabinete.)*

CENA V

JULIETA *e* CRISTINA

JULIETA - O que é que trazes aí?

CRISTINA - A minha costura e a de mamãe.

JULIETA - Pois, até num dia que vens passar comigo queres trabalhar? Tu que não coses nunca?

CRISTINA - Quando estava aqui em S. Clemente; mas agora em S. Domingos é o nosso entretenimento. Que pensas? Não pagamos mais modistas, nós mesmas, eu e mamãe, é que cortamos e fazemos os nossos vestidos. E ainda me resta tempo para...

JULIETA - Para quê? Para te divertires?

CRISTINA - Para trabalhar!

JULIETA - Que dizes, Cristina?

CRISTINA - Não tenho vergonha de te confessar. Meu pai tinha-se endividado por nossa causa; minha mãe me disse que era preciso que nós o ajudássemos a pagar aquilo que tinha gasto conosco. Desde então não perdemos mais o nosso tempo. Mamãe sobretudo... Não reparaste como está simples? Seu vestido de cassa...

JULIETA - Não; bem sabes que eu não reparo nestas coisas.

CRISTINA - Porque és boa, Julieta; e não gostas de humilhar a pobreza de ninguém.

JULIETA - Se dizes isto por minha mãe...

CRISTINA - Não; tua mãe ignorava. Era apenas admiração. Mas as outras que nos conheceram quando iam a nossa casa... Ora! Não importa. Tu és a mesma, não é assim?

JULIETA *(com expressão)* - Sempre a mesma!

CRISTINA *(vai a* JULIETA *que fica pensativa)* - Com que ar dizes isto! Ainda estás mal comigo?

JULIETA - Por quê? Nunca estive mal contigo.

CRISTINA - Nem quando te ocultei o que o Rodrigo me disse?

JULIETA - Tinhas razão para isso.

CRISTINA - E muita; mas depois arrependi-me!

JULIETA - Depois que me deixaste?

CRISTINA - Sim; porque lembrei-me que tu ficavas sofrendo por minha causa.

JULIETA - Sofrendo!... Não.

CRISTINA - Sofrendo, sim, Julieta; porque tu gostas dele. Eu percebi no primeiro dia.

JULIETA - Cristina! Eu te peço!...

CRISTINA - Queres esconder-me ainda? Então não és minha amiga?

JULIETA - Não sou tua amiga!... Eu que não desejo nem mesmo que tu penses que posso ser tua rival!...

CRISTINA - Ah! Ainda estás com esta idéia?... Não me conheces, Julieta!... Meu coração não muda.

JULIETA - Como queres que te acredite? Por que ia ele todos os dias à tua casa; por que passava as noites a conversar contigo? Faz-se isto pelos indiferentes?

CRISTINA - Faz-se por aqueles que nos compreendem, e que nos falam dos objetos que estimamos. É tão doce uma confidência!...

JULIETA - Ah! Conversavas com ele a respeito...

CRISTINA - Tu me prometes não contar a ninguém?

JULIETA - Prometo!

CRISTINA - Pois eu te juro, Julieta! Nessas conversas não falávamos senão de ti...

JULIETA - De mim?

CRISTINA *(levando o dedo à boca)* - Psiu!... Quando ele falava era só de ti! Quando chegava a minha vez... Sabes de quem era. (RODRIGO *aparece na porta do gabinete e pára.)*

JULIETA *(sem vê-lo)* - Tu não me enganas, Cristina?

CRISTINA *(abraçando-a)* - Não, Julieta; não. O Rodrigo te ama.

JULIETA *(vendo* RODRIGO) - Ah!

CENA VI

As mesmas e RODRIGO

CRISTINA *(admirada)* - Estava aqui?... *(Erguendo-se)* Pois bem, responda: não é verdade?

RODRIGO - Não sei; mas fez mal em dizê-lo.

JULIETA *(timidamente)* - Por quê?

CRISTINA - É orgulho; há homens que querem ser superiores às paixões.

RODRIGO - Para dominá-las e não ofender as pessoas que respeitamos. Tinha eu direito de perturbar o sossego de uma moça que fez uma escolha; e que espera a felicidade da união que seus pais desejam e que ela aceitou?

JULIETA *(a* CRISTINA) - Como ele se engana! Cuida que eu espero a felicidade desse casamento!

RODRIGO - Consente nele livre e espontaneamente.

CRISTINA - Que importa?... Nós somos fracas.

RODRIGO - A mulher só é fraca quando não tem um sentimento bastante forte que a proteja.

JULIETA - Ou quando a dúvida lhe faz perder a coragem. *(A* CRISTINA) Tu não sabes por que não tenho forças para desfazer este casamento, Cristina?... tu não sabes?... É porque me disseram um dia que nós devemos guardar com o nosso primeiro amor, a virgindade de nossa alma! E eu, que supus ser amor esse primeiro desejo de menina de preocupar o pensamento de um homem, quando o senti no coração, quando amei, conheci que tinha sacrificado a minha felicidade. Não podia dar a minha primeira afeição; a outra ele não aceitaria, embora essa fosse a verdadeira, embora essa fosse, eu te juro, Cristina, o meu único, o meu primeiro amor! *(Esconde o rosto no seio de* CRISTINA.)

RODRIGO - Desculpe-me, D. Julieta. Eu não podia saber o que se passava em sua alma, e repito, não tinha o direito de interrogá-la. Se adivinhasse a luta silenciosa de uma dúvida que eu próprio havia lançado em seu espírito, não deixaria que o acaso e uma indiscrição de Cristina revelassem o que eu ocultava de mim mesmo; porém não acreditava, e temia roubar-lhe uma felicidade que talvez não pudesse dar-lhe.

CRISTINA - E agora?

RODRIGO *(tomando a mão de* JULIETA) - Acredito!

CRISTINA - Esperem! Esperem! *(Corre ao piano.)*

JULIETA - Que vais fazer?

CRISTINA - Tocar o dueto de Julieta e Romeu.

JULIETA - Travessa! Sempre brincando!

RODRIGO - E sempre boa! (CRISTINA *toca. Entra* OLÍMPIA.)

CENA VII

Os mesmos e OLÍMPIA

OLÍMPIA *(a* RODRIGO) - Não sabia que estava aqui!

RODRIGO *(apertando-lhe a mão)* - Quando veio de S. Domingos?

OLÍMPIA - Cheguei há pouco. Cristina estava com saudades de Julieta, e tanto me pediu que me obrigou a sair do meu retiro.

CRISTINA *(ao piano)* - E ele deve agradecer-lhe, mamãe.

OÚMPIA - Por quê?

CRISTINA - Pergunte a Julieta.

JULIETA - Cristina!... *(Chega-se para o piano.)*

CRISTINA - O caso é, mamãe, que depois que cheguei já fiz duas pessoas felizes.

JULIETA - Pois eu hei de vingar-me do mesmo modo. (OLÍMPIA *tira a costura da caixa e senta-se no sofá.)*

CRISTINA *(séria)* - Lembra-te do que me prometeste.

RODRIGO - E lembre-se também que eu estou desobrigado de minha palavra.

CRISTINA - É verdade! Eu fui a culpada: mas seja meu amigo, e não use de represália.

RODRIGO - Não; um sacrifício de dois meses para um coração do dezessete anos, é bastante!

JULIETA - Um sacrifício?...

RODRIGO - Ela me entende. (Vai sentar-se junto de OLÍMPIA. CRISTINA e JULIETA conversam no piano; às vezes folheando as músicas; outras, roçando os dedos pelo teclado, ligeiramente, de modo que não abafa o diálogo.)

OLÍMPIA *(com vivacidade)* - Não é Cristina que o senhor ama?

RODRIGO - Não, D. Olímpia.

OLÍMPIA - Mas não me disse?...

RODRIGO - Perdoe-me; fui talvez mais severo do que devia. A sua desconfiança inspirou-me essa idéia. Quis fazer-lhe sentir pelo coração que uma esposa não deve esquecer os seus deveres, porque seu amante pode um dia vingar seu marido. Quis mostrar-lhe que tormento é o da mãe que vê em sua filha uma rival feliz; e uma rival que ela não pode odiar. Confesso que fui severo demais.

OLÍMPIA - Não faz idéia do que sofri! Às vezes era preciso um esforço para não lançar-me aos pés de minha filha e pedir-lhe perdão de joelhos!...

RODRIGO - Com efeito, era tempo de acabar com esse martírio.

OLÍMPIA - Para começar novo.

RODRIGO - Por quê?

OLÍMPIA - Não ama a outra... a Julieta?

RODRIGO - É verdade, amo-a desde o primeiro dia que a vi. Achei nela o que eu procurava neste mundo; uma alma pura onde eu pudesse repousar a inteligência nos momentos de desânimo, um coração onde visse refletirem-se sorrindo os meus pensamentos. Calei este amor por muito tempo; falou hoje pela primeira vez.

OLÍMPIA *(com uma tristeza profunda)* - E é feliz?

RODRIGO - Sou; confesso.

OLÍMPIA - É o que eu desejo.

RODRIGO - Sou feliz, e quero que aqueles que estimo também o sejam.

OLÍMPIA - E é possível?

RODRIGO - A felicidade não é prazer; é a tranqüilidade da consciência, e as afeições calmas e doces que sentimos em torno de nos. Há de ser feliz, D. Olímpia.

OLÍMPIA - Da felicidade dos outros.

RODRIGO - E que mais bela felicidade? Sentir o orgulho de ter feito a ventura de sua filha, de ter salvado a honra de seu marido, de merecer a estima de seus amigos. Diga-me: essa lembrança não a consola?

OLÍMPIA - Às vezes; mas não é o que me deu forças para transformar a minha vida da maneira por que o fiz. Não sabe em que ocupo os meus dias?

RODRIGO - Não tenho visto quando a vou visitar em S. Domingos? Não vejo agora mesmo em que parece não querer esperdiçar nem um momento que conversa com um amigo?

OLÍMPIA *(largando a costura)* - Não repare; é o hábito. Há dias pensei que enquanto meu marido trabalhava para pagar as suas dívidas, eu não devia ficar ociosa. É tão fácil achar costuras!... E não julgo que seja feio uma senhora trabalhar para ganhar a decência de sua família. Que diz?... (PACHECO *e* BORGES *aparecem na porta do gabinete conversando baixo.)*

RODRIGO - Fez muito bem; eu não me animava a pedir-lhe tanto porque conheço o prejuízo da nossa sociedade, mas já que teve a coragem de arrostá-lo, continue! Seus amigos a aprovarão; eu admiro-a. *(Entra* D. ANTÔNIA.)

OLÍMPIA - Por uma coisa tão insignificante?

CENA VIII

Os mesmos, PACHECO, BORGES *e* D. ANTÔNIA

RODRIGO - Não é tão insignificante como pensa! *(Erguendo-se)* Que diz, Sr. Pacheco?

PACHECO - A que respeito?

RODRIGO - O senhor não admira uma senhora que estando habituada a viver na melhor sociedade, que tendo seu marido empregado público, não se envergonha de trabalhar para sustentar sua família, e pagar as dívidas que pesam sobre o nome que ela aceitou?

PACHECO - Decerto! E essa senhora merece para mim tanto respeito e tanta consideração como as primeiras da sociedade.

RODRIGO - Ela tem a única nobreza que eu reconheço: a nobreza da virtude e do trabalho.

D. ANTÔNIA - Entretanto, há muita gente que não pensa assim, e julga que uma senhora que trabalha desmerece...

RODRIGO - É verdade. No Brasil há esse prejuízo e por isso a primeira impressão que sofre o estrangeiro observando os nossos costumes, é essa ociosidade completa em que vive a mulher. Nem uma sociedade da Europa apresenta este fenômeno porque ali a civilização já fez compreender que a mulher não é nem uma senhora, nem uma escrava, nem um traste; que o seu mais belo título é o de companheira do homem; companheira no trabalho, na honra, no amor, na vida enfim. No Brasil, ao contrário...

PACHECO - Sim; cá em nossa terra a mulher tem o privilégio da preguiça; mas isto não se entende com a Sra. D. Antônia.

RODRIGO - No Brasil há um princípio falso, todos querem parecer iguais na fortuna, o que é absurdo. A mulher de um empregado público, que apenas ganha cem mil-réis de ordenado, a filha de um homem, que nada possui, vive da mesma maneira, tem os mesmos hábitos que a senhora de alta classe; porque passa os dias na janela, ou a ler romances; vai ao baile que freqüenta a marquesa e a mulher do ministro; quer camarote no teatro lírico e vestido de alto preço. É nessa confusão que está o mal. Quem é rico, divirta-se, quem é pobre, trabalhe. Que quer dizer quando se entra em uma das nossas casas, mesmo de mesquinha aparência, ver-se três ou quatro moças

que não fazem senão pentear-se, vestir-se, cantar modinhas, e falar em casamento; e isto quando o pai se mata para ganhar um mesquinho ordenado?

JULIETA - Estamos livres que digam isto de nós, Cristina.

RODRIGO Sim, porque a senhora que é rica e não precisa, D. Julieta, dá o exemplo, trabalhando para os pobres; e Cristina compreende que uma filha deve a seu pai ú vida que recebeu dele, que suas mãos depois de terem trabalhado não são nem menos belas, nem menos delicadas!

OLÍMPIA - Obrigada, meu amigo. Se ainda me restasse alguma dúvida, as suas palavras me dariam o orgulho de uma lembrança tão simples.

BORGES - És tu, Olímpia!... de quem ele falava?... E não me disseste nada!

RODRIGO - O marido é sempre o último a quem se dizem estas coisas. *(Vai sentar-se no sofá.)*

(Entra GUIMARÁES *apressadamente, com uma pena atrás da orelha, vestido como um guarda-livros nas horas de trabalho.)*

CENA IX

Os mesmos e GUIMARÃES

(GUIMARÃES *faz um cumprimento geral.)*

PACHECO - O que é isto? Temos alguma novidade, Sr. Guimarães?

GUIMARÁES - E muito grande. Vim a toda pressa participar a V.S.a, tal qual estava no escritório, por isso desculpe...

PACHECO *(caminhando para o sofá à direita) -* Vê-se logo que o senhor nem tempo teve de fechar a carteira; ainda está com a pena na orelha.

GUIMARÃES - É verdade! *(Confuso tira a pena e guarda no bolso.)*

PACHECO - Mas vamos! O que houve?

GUIMARÃES - Agora mesmo apareceu-me lá um cobrador de uma casa inglesa, do Plowes & C., que desejava falar com V.S.a.

PACHECO - Sobre quê?

GUIMARÁES - O gerente da casa, sabendo que o Sr. Oliveira deve brevemente pertencer à família de V.S.a, por consideração mandou apresentar duas letras vencidas, no valor de trinta contos, que vai mandar protestar.

PACHECO - Duas letras vencidas? Do Oliveira?

GUIMARÃES - Sim, senhor. Parece que ele se acha em más circunstâncias: talvez hoje mesmo se declare a quebra!

PACHECO - Não é possível!

GUIMARÃES - Em todo caso vim avisar a V.S.a, porque deve se lembrar que endossou *(tirando a carteira do bolso)* em 10 de outubro sete letras de dez contos cada uma; e sem dúvida teremos de pagá-las.

PACHECO Mas ele tem fortuna! O Macedo afirmou... GUIMARÁES - Nunca a teve; tinha crédito, mas não soube aproveitá-lo.

PACHECO - É preciso que eu saiba como é isto! Terá me iludido?... Vou já à cidade! Mas espere... Quero escrever ao Oliveira para que vá ter comigo ao escritório. *(Entra no gabinete.)*

CENA X

D. ANTÔNIA, OLÍMPIA, RODRIGO, GUIMARÃES, JULIETA *e* CRISTINA

JULIETA - Então, minha mãe! Os meus pressentimentos!

D. ANTÔNIA - Não julgues sem conhecer! Tu sabes as causas?

JULIETA - Não; mas adivinho: queria ser rico sem se importar dos meios.

GUIMARÃES *(a* RODRIGO) - Não o tinha visto, Sr. Rodrigo!

RODRIGO - Como vai no seu emprego?

GUIMARÁES - Muito bem! É ao senhor que o devo, e a única maneira que tenho de agradecer-lhe, é fazendo que não se arrependa da recomendação que me deu.

RODRIGO - Está enganado; devo a si unicamente. A minha carta foi apenas uma ocasião: todo o homem que deseja seriamente ocupar-se, acha um emprego.

GUIMARÃES - E o Oliveira? Ouviu...

RODRIGO - Sabia há dias.

JULIETA - E não me disse?

RODRIGO - E devia dizê-lo? Eu?...

JULIETA - Não; não devia.

(MACEDO *entra com uma fruta na mão, cumprimenta* D. ANTÔNIA *alegremente e* OLÍMPIA *com desdém.)*

CENA *XI*

Os mesmos e MACEDO

MACEDO - Então, já sabem?... O Oliveira...

D. ANTÔNIA - O Sr. Guimarães agora mesmo acabou de dizer-nos; mas é certo?

MACEDO - Posso afiançar-lhe; está falido. Eu suspeitei que ele não ia bem, desde que começou a afastar-se de mim, e a ocultar-me os seus negócios.

D. ANTÔNIA - Pobre moço! E não há remédio?...

MACEDO - Quer agora valer-se de mim e do Pacheco; não sei o que seu marido pretende fazer: foi isso o que me trouxe cá.

D. ANTÔNIA - Vá falar-lhe; está escrevendo.

MACEDO - Sim. *(Chega-se a* JULIETA) Aqui tem uma manga que lhe trouxe, D. Julieta.

HIPÓLITO - Rodrigo!

JULIETA - Obrigada.

RODRIGO - Comprou esta fruta ou deram-lha, Sr. Macedo?

MACEDO - Comprei, meu senhor; e paguei; é o meu costume. *(Dirige-se ao gabinete.)*

RODRIGO *(a* JULIETA) - Alguém chora então o dinheiro que ela custou.

MACEDO - O senhor está sempre gracejando! *(Entra no gabinete;* JULIETA *deita a fruta sobre um aparador.)*

CENA XII

Os mesmos e HIPÓLITO

(HIPÓLITO *entra enquanto se trocam as últimas palavras, cumprimenta* CRISTINA *e* OLÍMPIA *e dirige-se a* RODRIGO.)

HIPÓLITO - Rodrigo!

RODRIGO - Adeus, Hipólito!

JULIETA *(a* HIPÓLITO) - Ah! sinto que não estivesses aqui há pouco para ouvir o que ele dizia.

HIPÓLITO - A que respeito?

JULIETA - A respeito de Cristina.

RODRIGO - Para ele basta uma palavra.

HIPÓLITO - Então dize-a.

CRISTINA *(suplicante e do lugar onde está)* - Julieta, eu te pedi!...

JULIETA - Não sou eu.

RODRIGO *(sorrindo a* CRISTINA) - É a nossa vingança.

JULIETA - É verdade.

HIPÓLITO *(a* RODRIGO) - Fala!

CRISTINA *(aproximando-se suplicante de* JULIETA) - Olha, mamãe! *(Entra* OLIVEIRA *pálido e fora de si.)*

CENA XIII

Os mesmos, OLIVEIRA, PACHECO *e* MACEDO

D. ANTÔNIA - Que é isto, Sr. Oliveira?

OLIVEIRA - Uma desgraça, D. Antônia!

PACHECO *(aparecendo no gabinete com uma carta na mão) -* Não é uma desgraça, Sr. Oliveira, é a desonra!...

OLIVEIRA - Sr. Pacheco!

PACHECO - Quem abusa da boa fé e da estima de um homem, não tem o direito de ofender-se quando ele o acusa. O senhor comprometeu uma parte da minha fortuna, e o que mais é, abusou da confiança...

D. ANTÔNIA - Meu marido!

OLIVEIRA - Pode dizer tudo! É justo!

PACHECO - Iludiu os seus credores inculcando uma fortuna que não tinha!

MACEDO - Se tivesse seguido os meus conselhos!...

OLIVEIRA - Os seus conselhos, Sr. Macedo?

MACEDO - Mais ainda há um meio de restabelecer a sua fortuna.

OLIVEIRA - Qual?

MACEDO - O crédito.

PACHECO - O crédito?... O crédito?... Eis os seus efeitos!... *(Aponta para* OLIVEIRA.)

RODRIGO - Sim, Sr. Pacheco, eis os seus efeitos! Eis os efeitos do abuso que se faz de uma idéia que não se compreende, de um elemento que não se conhece. Também a pólvora, o vapor, o gás e a eletricidade, todos esses elementos que produzem resultados maravilhosos, desde que não são dominados pela inteligência, e pela razão, revoltam-se contra o homem e o fulminam. São os ignorantes e os loucos que hão sabem usar do poder que Deus colocou em suas mãos, os que brincam com ele e acabam por ser vítimas.

MACEDO - Como o Sr. Oliveira.

RODRIGO *(com ironia)* - E outros. *(A* PACHECO) Não condene, pois, uma idéia que já aceitou, Sr. Pacheco, e se quer ver os verdadeiros efeitos do crédito não precisa ir muito longe. Aqui tem um homem que lhe deve a sua honra, que o senhor salvou; aqui tem uma esposa e mãe que lhe deve a felicidade de sua família, e uma filha que o respeita e o ama como uma providência de sua casa. Todos lhe agradecem sem corar, porque o senhor não lhes deu uma esmola; mas prestou-lhes um serviço. Eu mesmo que lhe falo, cheguei pobre ao meu país, sem outro bem além da minha profissão, sem outro recurso além do meu trabalho; hoje, se não tenho uma grande fortuna, não invejo a de ninguém.

MACEDO - E eu não sou um exemplo vivo? Pacheco sabe que comecei sem um real.

OLIVEIRA - O senhor?... Oh! é muito!... Sr. Pacheco, eu mereço o que o senhor acaba de dizer, procedi mal, cometi um ato desonroso, mas fui arrastado!

MACEDO - É sempre a desculpa.

OLIVEIRA - Este homem, o Sr. Macedo, foi quem me seduziu! Fez-me sonhar lucros fabulosos, envolveu-me em especulações que eu mesmo não compreendia! A princípio a ambição da riqueza me cegou; mas depois pareceu-me que seguia um mau caminho...

MACEDO - Ora, meu caro; não se trata agora disso: o que nos convém saber é o que decide seu sogro.

PACHECO - Seu sogro!... Essa palavra me faz lembrar que antes de tudo está a reputação de minha filha. Que diriam aqueles que vivem de assassinar a honra alheia?...

MACEDO - Sobretudo quando este casamento já está espalhado por toda a parte; e muitos até o julgam já realizado.

PACHECO E bem triste receber no seio de sua família um homem que perdeu a nossa estima; não é verdade, Sr. Rodrigo? Aconselhe-me; diga-me como amigo o que devo fazer.

RODRIGO - É uma questão delicada, Sr. Pacheco; e que só pode ser resolvida por aquela que faz o sacrifício. Se ela tem bastante afeição ao homem que decaiu, e bastante força para querer salvá-lo, eu, seu pai, lhe diria: "Cumpre o teu destino, minha filha!"

JULIETA - Diz bem, Sr. Rodrigo; é a mim que cabe decidir; trata-se de minha felicidade! *(A* OLIVEIRA) Se o dote que o senhor ambicionava me pertencesse, eu o daria de bom grado para salvar o nome que podia ter sido o meu. Quanto à minha mão, eu a conservo livre para apertar a mão de um homem de honra, que eu respeito, e estimo... *(Estende a mão a* RODRIGO.)

HIPÓLITO *(a meia voz)* - E que tu amas!

JULIETA *(corando)* - Hipólito!...

RODRIGO - Julieta!...

PACHECO - Muito bem, minha filha.

OLÍMPIA - Ah!...

CRISTINA - O que tem, mamãe?

OLÍMPIA - Nada, Cristina!

(Quando JULIETA *acaba de falar,* MACEDO *senta-se no sofá, tira uma carteira de couro da Rússia, lápis e papel e começa a fazer uma conta; o diálogo continua vivo e sem ser interrompido.)*

D. ANTÔNIA *(a* OLIVEIRA) - Não soube conservar a afeição que lhe tinham.

OLIVEIRA - Tornei-me indigno dela, D. Antônia.

CRISTINA *(a* OLÍMPIA) - Como ela é feliz!

JULIETA - E tu também o serás, não é verdade, Hipólito?

RODRIGO - Ela te ama.

HIPÓLITO - E me foge?

JULIETA - Não compreendes a razão?

RODRIGO - Não vês que foi Julieta que estendeu a mão?

HIPÓLITO - Oh! Compreendo! Cristina!

CRISTINA *(confusa)* - Era o meu segredo!

HIPÓLITO - Será o nosso.

MACEDO - Quatro... vezes cinco... vinte... *(fazendo a conta.)*

BORGES - Que faz ele?

GUIMARÃES - Pensa naturalmente que está na Praça.

HIPÓLITO *(chamando)* - Sr. Borges!... *(chegando-se)* Eu amo sua filha!

OLÍMPIA (chegando-se) - E ela o ama, Hipólito; mas não deve aceitar sua mão senão quando seu pai tiver pago a dívida do Sr. Pacheco.

BORGES - Achas bom assim?

HIPÓLITO - Mas, D. Olímpia...

OLÍMPIA - Que lhe custa esperar?

MACEDO *(a* OLIVEIRA) - Então decididamente o seu casamento está desfeito?

OLIVEIRA - Sim, senhor; eu mesmo seria o primeiro a desfazê-lo se não devesse sujeitar-me àquilo que o Sr. Pacheco e sua filha resolvessem.

MACEDO - Neste caso aqui tem a minha conta.

OLIVEIRA - A sua conta?...

MACEDO - Previno-lhe também, Sr. Pacheco, que as letras sacadas pelo Sr. Oliveira, e endossadas por V.S.a, no valor de setenta contos, estão em meu poder.

OLIVEIRA - Como é possível?

MACEDO *(sorrindo)* - Descontei-as na Praça, no mesmo dia em que o senhor as negociou; tinham uma boa firma.

OLIVEIRA - E essa conta?

MACEDO *(sorrindo)* - Ah!... Vinte contos quatrocentos e trinta e dois mil e quinhentos; resto daqueles dividendos... É um dinheiro perdido, mas enfim, dos males o menor.

OLIVEIRA - Esses dividendos!... Não foi o senhor que me fez vendê-los por conta da nossa sociedade?

MACEDO - Da nossa sociedade!... O código não reconhece sociedade sem título e registro no Tribunal.

OLIVEIRA - E a sua palavra?

PACHECO *(a* MACEDO) - Que quer dizer isto?

MACEDO - Ignoro.

RODRIGO - Quer dizer que o Sr. Macedo jogava com o Sr. Oliveira na Praça do Comércio, uma partida de *écarté,* vendo as cartas do parceiro.

PACHECO - Não entendo!

RODRIGO - O Sr. Macedo sabia que o dividendo de um banco era de dez mil-réis, suponhamos; fazia seu parceiro vendê-los a doze, e os comprava ele mesmo por intermédio de um agente.

MACEDO - Se um não perdesse para o outro ganhar, Sr. Rodrigo, não haveria negócio.

PACHECO *(alto)* - Sr. Guimarães!

GUIMARÂES - Pronto!

PACHECO - Corra ao escritório, e diga ao caixa que hoje mesmo vá resgatar as minhas letras; não quero a minha firma nas mãos desse homem. É um prejuízo de setenta contos. (GUIMARÃES *sai.)*

OLIVEIRA - Que eu pagarei, Sr. Pacheco, apesar de estar pobre e miserável.

RODRIGO - Quando se tem a mocidade, a inteligência e a saúde, não se é pobre; Sr. Oliveira. Trabalhe!

PACHECO - Sim, trabalhe; nós lhe acharemos um emprego. *(Sai* OLIVEIRA.)

PACHECO *(a* MACEDO) - Quanto ao senhor, não o conheço. Um homem que pratica semelhante imoralidade não deve entrar em minha casa.

MACEDO - Como quiser!... Nunca estudei moral, Sr. Pacheco, e por isso não entendo essas distinções filosóficas. Sou um homem prático, um homem de negócios; trato da minha vida sem me ocupar com a dos outros. Podem dizer que sou agiota, especulador, que vivo de jogar na Praça. Pouco me importa! Estou convencido que só há na sociedade dois poderes reais: a lei e o dinheiro. Respeito uma, e ganho o outro. Tudo que dá a riqueza é bom; tudo que a lei pune, para mim é justo e honesto. Eis os meus princípios. Estou os cumprimentando, meus senhores!

RODRIGO A lei não pune, é verdade, essa especulação imoral; mas não sabe a razão?

MACEDO - Saberei.

RODRIGO É porque a lei despreza o agiota; e deixa que a sua punição lhe seja dada pelo próprio dinheiro que o desmoralizou. O seu castigo é o suplício de Tântalo dessa riqueza mal adquirida. Com o ouro ele compra tudo, menos aquilo que mais deseja, aquilo que ambiciona; que inveja do pobre; e que todos os seus milhões não lhe poderão dar...

MACEDO - O quê?

RODRIGO - A honra e a estima dos homens de bem.

MACEDO *(cumprimentando)* - Poesia!... Meus senhores!... *(Sai.)*

PACHECO *(sentando-se)* É incorrigível!

RODRIGO *(idem)* - Assim deve ser para servir de exemplo.

(Logo que MACEDO *sai, as pessoas que se acham presentes começam a sentar-se.* CRISTINA *e* JULIETA *ao piano,* HIPÓLITO *junto de* RODRIGO, D. ANTÔNIA *junto de* OLÍMPIA. CRISTINA, *às vezes, tira uns prelúdios.)*

JULIETA - D. Olímpia, a senhora deixa Cristina passar estes oito dias comigo?

OLÍMPIA - Se ela quiser!

HIPÓLITO *(a* BORGES) - O que está lendo, Sr. Borges?

BORGES - Uma correspondência sobre o aumento dos ordenados.

HIPÓLITO - Veja nos anúncios se há alguma casa a alugar por aqui perto.

BORGES Para o senhor?...

HIPÓLITO - Para mim e minha mulher!

D. ANTÔNIA - Não vais mais à cidade, Pacheco?

PACHECO - Não, já é tarde!

CAI O PANO

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR nasceu em Mecejana, Ceará, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro em 12 de dezembro de 1877. Bacharelou-se em Letras no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, e em Direito na Faculdade de São Paulo. Em 1847 escreveu seu primeiro romance, "Os Contrabandistas", que jamais foi publicado porque Alencar tinha um hóspede desatendo que acendia o cachimbo com as folhas manuscritas da obra.

Formado em Direito em 1850, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde iniciou sua carreira de advocacia e começou a colaborar no "Jornal do Comércio". Em 1856 escreveu "Cartas sobre a Confederação dos Tamoios", o que lhe valeu a projeção nos meios literários a partir de então. Além de advogado, jornalista e romancista, foi professor, orador, crítico, deputado em várias legislaturas e Ministro da Justiça em 1868. Patrono da cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras.

José de Alencar não conseguiu realizar a ambição que nutriu, de tornar-se senador. E politicamente experimentou o desgosto de memorável desentendimento com o Imperador. Ganhou lugar em nossa História como romancista, fundando o romance histórico nacional.

De sua vasta obra fez Manuel Bandeira uma classificação de acordo com o gênero de seus romances:

Romances mundanos:

"Cinco Minutos", "A Viuvinha", "A Pata da Gazela", "Sonhos d'Ouro", "Diva", "Lucíola", "Senhora", onde fixou tipos e a vida da corte no século passado.

Romances históricos:

"As Minas de Prata", "A Guerra dos Mascates", "O Garatuja" "Alfarrábios"; regionais: "O Gaúcho" e "O Sertanejo"; sociais: "Til", "O Tronco do Ipê".

Romances indianistas:

"O Guarani", "Iracema" é "Ubirajara". Como teatrólogo: "0 Demônio Familiar"; "Mãe"; "Verso e Reverso"; "As Asas de um Anjo"; e "0 Jesuíta".

José de Alencar introduziu o indianismo na prosa, o que já fizera Gonçalves Dias na poesia. De admirável poder descritivo, soube retratar a nossa natureza com cores maravilhosas. Seu estilo é retórico e brilhante, porém, descuidado na gramática, com que, ao lado de palavras do tupi-guarani, procurou criar a língua brasileira. Bateu-se também pela autonomia da nossa literatura.

O romance "0 Guarani" apesar de não ser o mais importante é um dos mais populares, tendo sido inclusive aproveitado na ópera de Carlos Gomes, O Guarani. Esse romance apresenta o consórcio do povo invasor, o europeu, com o Indígena. Esta afirmativa vem simbolizada no romance através da fuga, durante a enchente, de Peri e Ceci, onde assistimos à confissão de amor de ambos. Este fato comprova o intercâmbio feito entre as duas raças que inicialmente compuseram a nossa etnia.

O romance O Guarani, além de ser um romance histórico, traz como personagem, a família de D. Antônio de Mariz, personagem real. A natureza em José de Alencar tem um tratamento de exaltação extrema, para valorizar a terra - numa defesa da tese nacionalista de valorização do homem e da terra pátria. As suas descrições da natureza são infindas, sempre ressaltando a riqueza da fauna e da flora principalmente.

A estrutura do romance, em Alencar, já é bastante diferente da estrutura dos romances de Macedo, pois o autor desenvolve vários planos narrativos simultaneamente. As técnicas de exposição aplicadas nos seus romances são: a descritiva, usada em excesso, porém, constitui um documento fiel dos usos e dos costumes da época. Também a narração é bastante representativa e o diálogo aparece em escala menor. A obra de Alencar é de valor e seus romances não são de um diletante, pois quando chegam ao público o fazem com um grau bastante considerado de maturidade. Sabemos que foi um incansável ledor e conhecedor "in loco" da natureza

brasileira. Tinha grande cultura e erudição. Para composição dos romances históricos lia crônicas coloniais. Sofreu Influência dos românticos ingleses e franceses.

José de Alencar fez uma elaboração de um grande romance histórico (Os Contrabandistas começado por volta de 1847, mas não concluído), acabou por estrear com um "romancete" Cinco Minutos, publicado, anonimamente, em folhetins do Diário do Rio de janeiro, e escrito à pressa, tão-só para atender ao gosto do público, desde A Moreninha, de Macedo, cada vez mais interessado em "histórias" sentimentais vividas por moças da sociedade carioca.

CINCO MINUTOS

O romancete de estréia era apenas uma "história curiosa", ocorrida há dois anos com o Autor anônimo do folhetim, e relatada à sua prima D. . ., interessada em saber os motivos Por que ele, jovem, rico, elegante, disputado pelas moças da sociedade do Rio de janeiro e, em matéria de conquistas um dos célebres "leões" dessa sociedade, desaparecera da Corte.

Tendo perdido - começa o Autor a sua história - por cinco minutos, o "ônibus" para Andaraí, teve de esperar o seguinte; e neste aconteceu encontrar uma estranha mulher, cujas feições não conseguira definir, pelo véu que lhe ocultava o rosto, mas que lhe parecera jovem e bela. Abordando-a, teve a surpresa da correspondência de um furtivo aperto de mão. Animado por essa correspondência e intrigado com o mistério que parecia envolver a vida de tal mulher, tentou abordá-la diretamente; mas nesse momento ela saltou da carruagem e lhe deixou uma frase tão intrigante quanto seu parecer, - non ti scordar di me (da ópera OTrovador, de Verdi, então nos palcos cariocas).

Seduzido pela figura da enigmática mulher e por tudo que de estranho revelava seu comportamento, empenhou-se, durante dias, na sua conquista; e - após vários incidentes, que foram verdadeiras peripécias, que contribuíram para tornar ainda mais excitante a situação em que se envolvera, veio ele, o Autor, a conhecer a misteriosa mulher: tratava-se de uma jovem que, na realidade, correspondia em beleza e ainda em retribuição de amor, a tudo que ele imaginara; chamava-se Carlota, tinha 16 anos, há tempos o amava, sem que ele soubesse, e a ele já teria oferecido seu destino, não estivesse condenada, por insidiosa doença (tuberculose). Mais peripécias, motivadas pela fuga de Garlota, na companhia da mãe, em busca de climas que lhe restituíssem a saúde (Petrópolis e depois

a Itália) e também para se afastar de uma paixão em que sabia que sacrificaria o amado.

Mais forte, entretanto, que as razões de Carlota, era a paixão do Autor: vencendo dificuldades de toda ordem, o que tomou ainda mais empolgante sua conquista, conseguiu chegar a Nápoles, para dar à amada, já no fim de sua breve existência, pelo menos o conforto de uma assistência afetiva e moral. Passados alguns dias, num melancólico entardecer, Carlota, quase a morrer, pediu-lhe que sorvesse, num primeiro e último beijo, a sua alma... ; e nesse momento operou-se (como depois explicaram os médicos) um verdadeiro "milagre do amor". Carlota reviveu; e passado algum tempo, recuperada a saúde, casou-se com seu amado.

Completada uma venturosa viagem de núpcias, pela Europa, de que trouxeram ambos as mais belas e inesquecíveis recordações, vieram a esconder e preservar sua felicidade conjugal, num lindo retiro, numa montanha de Minas, donde o Autor, então, escrevia à prima, contando-lhe a história de amor que, sem dúvida, fá-la-ia compreender a razão de seu desaparecimento da sociedade carioca, em tudo, mas principalmente pela falsidade dos sentimentos, contrária à verdadeira e pura felicidade matrimonial.

Terminado o romancete (a expressão é do próprio José de Alencar) estava, evidentemente, satisfeita a curiosidade da prima, e - é de crer - o gosto dos leitores por tal gênero de leitura, o que é de concluir, pois o folhetim teve o seu êxito.

Animado por tal êxito, mas também pela facilidade com que lhe corria a imaginação e a pena, no desenvolvimento de uma história sentimental, "ocorrida" na sociedade carioca, José de Alencar lançou-se, logo a seguir (janeiro e fevereiro de 1857), à publicação, no mesmo jornal, de outro romance em folhetins - A Viuvinha, muito naturalmente no gênero do anterior.

A VIUVINHA

É a "história" de dois jovens (Carolina, de 15 anos, e Jorge, de 24), que, embora se amando intensamente e com todo o direito desse amor, tiveram de vencer toda sorte de reveses, para chegar à merecida felicidade do matrimônio; ou para usar de uma interpretação do próprio Autor: o romance da Viuvinha era, em síntese, a história da "felicidade depois de cruéis e terríveis Provações". Quanto ao gênero, fazia questão de dizer o Autor, que

continuava anônimo, não se tratava de um romance, isto é, de obra de ficção, inventada e campanuda, mas apenas de uma narração "simples e fiel de uma pequena história". Quanto ao estilo era, mais uma vez, uma conversa do Autor com sua prima D... .

José de Alencar resolve, em 1857, escrever peças de teatro. 0 Jesuíta, a mais ruidosa de suas peças, escrita em 1875, pertencem a Alencar: "Verso e Reverso", comédia em dois atos; "0 Demônio Familiar" (1857), "As Asas de uni Anjo" (1860), comédia; "Mãe" (1862), drama; "A Expiação" (1865), comédia; "O Crédito" (1867). Em, 1860, escreve uma comédia lírica em dois atos "Noite de São João", um tipo de opereta, que recebeu música do maestro Elias Lobo.

Seus romances constituem a parte mais importante e extensa de sua obra: "O Guarani(1857), "Cinco Minutos" (1860), "A Viuvinha" (1860), "Lucíola" (1862), "Diva" (1864), "As Minas de Prata" (1864-1865), "Iracema" (1865), "O Gatíclio" (1870), "A Pata da Gazela" (1870), "0 Tronco do Ipê (1871), "Sonhos D'Ouro" (1872), "Til" (1872), "Alfarrábios" (1873), "A Guerra dos Mascates" (1873-1874), "Ubirajara" (1874), "Senhora" (1875), "O Sertanejo" (1876) e "Encarnação" (1877).

José de Alencar realizou única obra romancística que abarca toda a realidade brasileira. O indianismo está presente em romances como "O Guarani", "Iracema" e "Ubirajara".

O urbanismo, a apresentação de tipos e problemas urbanos, está retratado por "A Viuvinha", "Cinco Minutos", "Lucíola", "A Pata da Gazela", "Sonhos D'Ouro", "Encarnação" e "Senhora", seu último e mais representativo romance da realidade urbana.

No campo do romance regionalista Alencar contribuiu com "O Gaúcho", "O Tronco do Ipê", "Til" e "O Sertanejo", e no ao romance histórico aparece com "As Minas de Prata" e "A Guerra dos Mascates", principalmente.

O Guarani
(um romance brasileiro)

"EPOPÉIA DA FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE" Dom Antônio de Mariz, fidalgo português residente no Brasil, que não se conformava com a dominação espanhola, após perder Portugal a sua

independência política, em 1580, construiu uma ampla e espaçosa casa no sertão, às margens do rio Paquequer, afluente do rio Paraíba.

A casa era verdadeira fortaleza, protegida por muralhas de rocha a pique. Dom Antônio de Mariz vivia em companhia da esposa, Dona Lauriana, de seus dois filhos: Dom Diogo de Mariz e Cecília, a qual tinha então 18 anos; de seu escudeiro e amigo A ires Gomes; de uma sobrinha, Isabel (que todos sabiam ser filha natural de Dom Antônio e de uma índia), e de um fidalgo chamado Álvaro. Além desses personagens, havia, a serviço de Dom Antônio, um grupo de aventureiros, destacando-se entre eles Loredano, um ex-frade. Aparece, logo nas primeiras páginas do romance, o Índio Peri, da nação Goitacá, que se torna companheiro e protetor de Ceci e da família desta. Dom Diogo de Mariz matara casualmente uma índia da tribo Aimoré. Este fato exaspera a família da índia que pretende vingar-se. Espreitam a casa, e, aproveitando-se do banho de Cecília e Isabel em águas do Paquequer, pretendem flechar Cecília, quando Peri, vigilante, mata-os.

Uma índia, que a tudo assistira, foge e vai contar aos de sua tribo: esse é o motivo da guerra que os selvagens vão mover a Dom Antônio de Mariz. Loredano, quando ainda era frade, havia conseguido de um moribundo, o roteiro das famosas minas de ouro de Robério Dias e, impulsionado por desmedida ambição de enriquecer, deixou o hábito monacal com o fito de procurar o tesouro. Está com empregado de Dom Antônio temporariamente; seu plano é assaltar a casa e no momento oportuno; mataria todos (menos Cecília pela qual sente forte paixão e que ambiciona fazer sua esposa) e, em seguida, explorar o ouro das minas de Robério Dias.

Através de tramas diabólicas, aliciando-se como comparsa aos outros aventureiros, tentará por todos os meios concretizar seus planos que, entretanto, sempre falham, graças à vigilância de Peri que não perde Loredano de vista. Álvaro ama Cecília, que não lhe corresponde. Isabel é que nutre grande paixão por Álvaro e se tortura de ciúmes vendo a atenção que Álvaro dá à prima. Aos poucos, no decorrer do romance, os sentimentos de Álvaro vão se voltando para Isabel, por causa de Dona Lauriana, que não gosta de Peri. Este, obedecendo a Dom Antônio, está prestes a voltar para sua tribo, deixando Cecília.

Mas, ao saber de Peri que os aimorés se aproximam para sitiar e atacar a casa, mudam-se os planos de Dom Antônio: Peri ficará. Dom Antônio, temendo pelos filhos e querendo solicitar socorros, envia Dom Diogo ao Rio de Janeiro. Loredano, depois que Peri denuncia a Álvaro os planos diabólicos que tem, vai também partir com Dom Diogo, mas, iludindo a vigilância deste, deixa-o a meio do caminho, e, conforme estabelecera com seus comparsas aventureiros, irá executar a trama que engendrara com eles, naquela mesma noite.

A primeira coisa que tenta fazer é roubar Cecilia; mas quando está para deitar-lhe a mão, Peri desfere uma flecha certeira que vara a mão de Loredano e a fixa na parede da alcova de Cecília. Loredano foge, e, percebendo que seus planos falham, muda de tática: procura amotinar os aventureiros contra Dom Antônio de Mariz. E já os amotinados se acercam de Dom Antônio quando soa o alarma: os índios aimorés estão à vista. Diante do perigo comum, os homens de Dom Antônio e os de Loredano se unem para a defesa, embora em pontos separados. Peri, imaginando que poderia matar todos os aimorés, sozinho, toma veneno e se lança contra mais de duzentos índios, quando já fizera grande mortandade, entrega-se como prisioneiro. É que ele conhecia o costume daqueles índios antropófagos que costumavam devorar os inimigos valorosos; assim, estando ele envenenado, todos morreriam.

No momento em que estava para ser sacrificado, Álvaro, chefiando um grupo de seus homens, salva Peri das mãos dos Indígenas. Peri volta e conta que havia tomado veneno. Diante de um pedido de Cecília, entretanto, o índio fiel interna-se na floresta em busca de uma erva que inutiliza o efeito do veneno. Percebendo que Cecília amava Peri, Álvaro suicida-se. Isabel, desesperada, diante do cadáver de Álvaro, também se suicida. Loredano continua tramando: imagina que seria agora mais fácil tornar-se senhor da casa; bastaria matar D. Antônio, a mulher e o escudeiro; mas Peri vigia e, quando Loredano menos supõe, é preso e condenado a morrer queimado.

Inicia o cerco dos selvagens. Já está por pouco a entrada deles na casa. Peri pede a Dom Antônio que olhe Cecília, a qual, naquele instante, dorme sob os efeitos do vinho que o pai lhe dera. Dom Antônio diz que não sé afastará do lar. Peri, a pedido do pai de Cecília, faz-se cristão, e recebe o encargo de salvar Cecília. Descendo por uma corda através do abismo e equilibrando-se em troncos de árvores caldas, o índio amigo atinge o Paquequer onde, em frágil canoa, foge descendo rio abaixo.

Já longe, ouve terrível estampido, o fogo atingira o paiol de pólvora da casa de Dom Antônio, destruindo, com a casa, os próprios aimorés. Cecília acorda, o índio lhe conta as últimas peripécias. Cecília, só no mundo, sente crescer sua afeição por Peri, chamando-o de irmão, e pretende ficar com ele na floresta, não mais voltando ao Rio de Janeiro. Desaba a tempestade. As águas sobem, sobem, Peri leva Cecília ao alto de uma palmeira. As águas continuam subindo. Peri, então, desce até as raízes da palmeira e as desprende do solo, após gigantesco esforço. E a palmeira, ninho onde se abrigam Cecilia e Peri, vai vagando nas águas e se perde no horizonte.